



SOCIETIES AND
ENVIRONMENTAL
SUSTAINABILITY



CENTRE FOR
FUNCTIONAL ECOLOGY
SCIENCE FOR PEOPLE & THE PLANET



1 2 9 0
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

AbERTA
UNIVERSIDADE
www.uab.pt

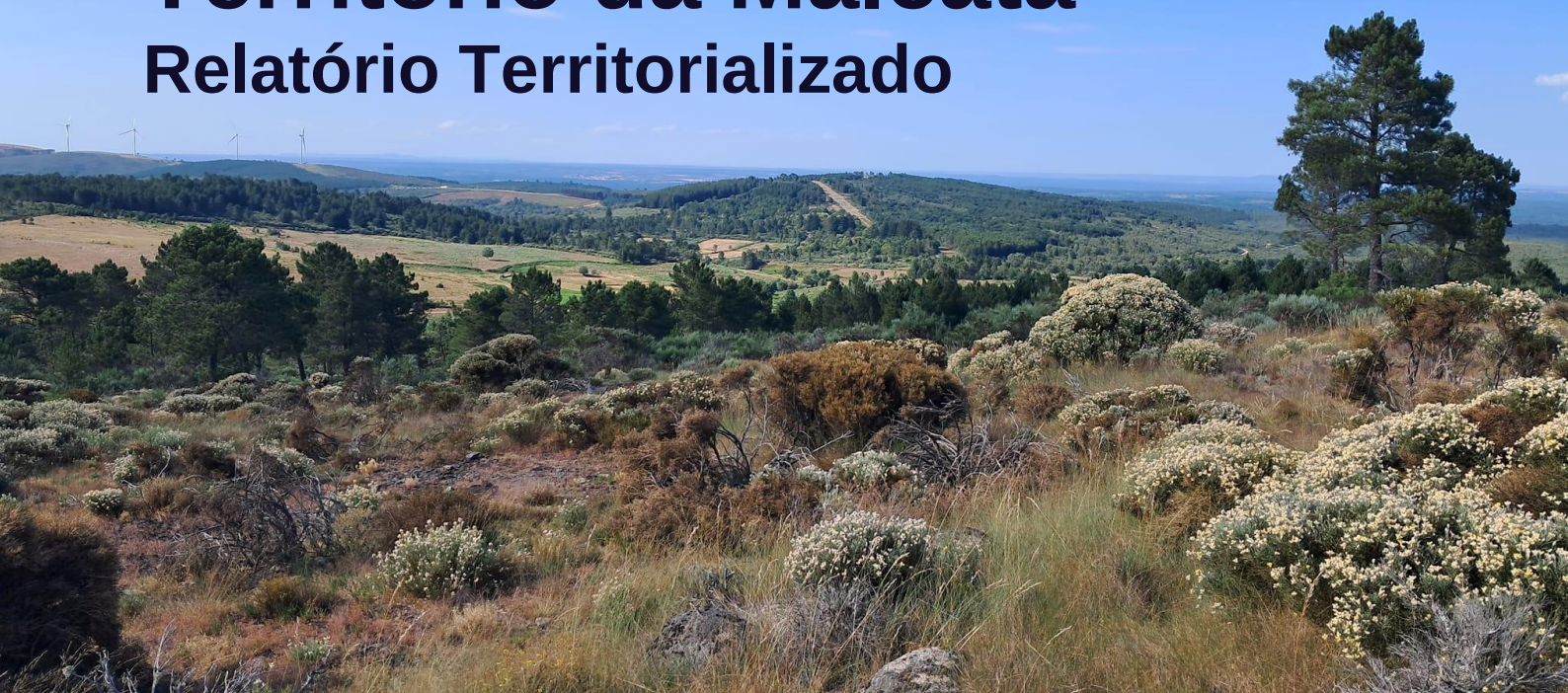


Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Cartografia Social do Território da Malcata

Relatório Territorializado



FÁTIMA ALVES
EDMUNDO GALLO
JÚLIA BORGES
DIOGO GUEDES VIDAL (COORDS.)

TÍTULO DA PUBLICAÇÃO

Cartografia Social do Território da Malcata: Relatório Territorializado

COORDENAÇÃO

Fátima Alves

Edmundo Gallo

Júlia Borges

Diogo Guedes Vidal

EDIÇÃO

Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Copyright

Fátima Alves, Júlia Borges, Paula Castro, Edmundo Gallo, Anabela Paula e Diogo Guedes Vidal ©2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser impressa, reproduzida ou utilizada em qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão por escrito dos detentores dos direitos autorais.

Citação

Alves, F., Borges, J., Castro, P., Gallo, E., Paula, A., & Vidal, D. G. (2024). Cartografia Social do Território da Malcata: Relatório Territorializado. Coimbra: Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.

Agradecimentos

Os autores agradecem às pessoas e organizações locais de Vilar Maior e Sabugal que contribuíram para a realização deste projeto de cartografia social, cuja dedicação e partilha de conhecimento foram essenciais para o seu desenvolvimento. Em particular, expressam o reconhecimento a Diogo Martinho pelo seu apoio no georreferenciamento dos pontos identificados, uma contribuição fundamental para a precisão e a relevância dos dados apresentados. Os autores agradecem ainda o apoio da Unidade de I&D Centro de Ecologia Funcional—Ciência para as Pessoas & o Planeta (CFE), com a referência UIDB/04004/2020 e o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/UIDB/04004/2020>, financiada pela FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC) e com extensão na Universidade Aberta e ao Laboratório Associado TERRA, com a referência LA/P/0092/2020.

ISBN: 978-989-33-7183-1

DOI: <https://doi.org/10.48552/rw6e-gt60>

FICHA TÉCNICA

Coordenação:

Fátima Alves^{1,2}, **Edmundo Gallo**^{1,3}, **Júlia Borges**^{1,3} & **Diogo Guedes Vidal**^{1,2}

1. Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal
2. Universidade Aberta, Portugal
3. Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina (OTSS); Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Brasil

Equipa:

Fátima Alves, Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal; Universidade Aberta, Portugal

Júlia Borges, Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal; Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina (OTSS); Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Brasil

Paula Castro, Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal

Edmundo Gallo, Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal; Observatório dos Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina (OTSS); Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Brasil

Anabela Paula, Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal

Diogo Guedes Vidal, Centre for Functional Ecology—Science for People and the Planet (CFE), Laboratório Associado TERRA, Departamento de Ciências da Vida (DCV), Universidade de Coimbra (UC), Portugal; Universidade Aberta, Portugal

Índice

1. Introdução.....	7
2. Enquadramento	8
2.1. Contexto Nacional e Europeu	8
2.2. Contexto Transfronteiriço Gata-Malcata	8
2.3. Contexto da Cooperação Portugal-Brasil: antecedentes.....	11
2.3.1. O Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina	11
2.3.2. A Cartografia Social	12
2.3.3. Governança viva.....	13
2.3.4. Cooperação internacional.....	16
3. Cartografia Social na Malcata – Município do Sabugal.....	18
3.1. Objetivos	18
3.2. Abordagem metodológica: etapas, participantes, locais.....	19
4. Principais Resultados	26
4.1. Cartografia Social em Vilar Maior	26
4.2. Dinâmica de Grupo na Universidade Sénior em Sabugal	33
4.3. Cartografia Social em Malcata	33
5. Perspetivas de Continuidade	36
5.1. Vilar Maior.....	36
5.2 Concelho do Sabugal - Universidade Sénior	38
5.3 Malcata	38
6. Dinâmica sobre o uso de plantas	39
7. Devolução da Cartografia Social – Vilar Maior.....	43
8. Considerações finais.....	45
Referências.....	47
Anexo 1 - Consentimento Informado para a participação coletiva na Cartografia Social da Serra da Malcata	50
Anexo 2 - Consentimento Informado para a participação coletiva na Cartografia Social da Serra da Malcata -	
Autorização de gravação de imagem e som	52



Índice de figuras

Figura 1 - Metodologia de Governança Viva do OTSS. Fonte: Gallo, 2021a, 111.	14
Figura 2 – Mapas falados de Joatinga e Campinho. Fonte: Banco de Imagens OTSS, 2020.....	15
Figura 3 – Cartografia do Quilombo do Campinho. Fonte: Banco de Imagens OTSS, 2020.....	15
Figura 4 – Cartografia da área de pesca do microterritório do Carapitanga. Fonte: Banco de Imagens OTSS, 2020..	16
Figura 5 – Mapa dos territórios em que foi realizada a cartografia social.....	18
Figura 6 – Convites elaborados no âmbito da cartografia social: A – Vilar Maior; B – Universidade Sénior do Sabugal; C – Malcata. Fonte: Elaborado por Júlia Borges para os eventos.	25
Figura 7 – Mapa falado de Vilar Maior.....	26
Figura 8 – Inventário dos produtos agrícolas/silvestres, manifestações culturais, pontos/roteiros turísticos, animais e vegetação.....	27
Figura 9 – Inventário dos ofícios, minérios, plantas medicinais e aromáticas.....	28
Figura 10 – Análise SWOT realizada pelos participantes em Vilar Maior.	29
Figura 11 – Resultados alcançados no núcleo de turismo de base comunitária	31
Figura 12 – Resultados alcançados no núcleo de repovoamento.....	32
Figura 13 – Resultados alcançados no núcleo de disponibilidade de água	32
Figura 14 – Dinâmica de grupo na Universidade Sénior do Sabugal	33
Figura 15 – Mapa falado da Malcata.....	34
Figura 16 – Identificação dos desafios da região da Malcata pelos participantes.....	35
Figura 17 – Georeferenciamento dos lugares identificados durante a atividade do Mapa Falado.....	38

Índice de tabelas

Tabela 1 – Entrevistas realizadas e sistematização das questões/problemáticas identificadas pelos/as entrevistados/as.	20
Tabela 2 – Planeamento da cartografia social da Malcata	23
Tabela 3 – Pontos identificados no georreferenciamento.....	37
Tabela 4 – Identificação das espécies e respetivos usos durante a dinâmica.	41

1. Introdução

Enquadrado numa missão entre a Linha de Investigação Sociedades e Sustentabilidade Ambiental do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra (LISSA-CFE/UC) e da sua extensão na Universidade Aberta, e o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), e em articulação com os projetos em curso no território transfronteiriço da Serra da Gata/Malcata, este relatório territorializado descreve o processo de implementação da Cartografia Social Participativa com os agentes e comunidades locais que informará o diagnóstico socioecológico que se dirige à transição ecológica, à promoção da saúde e bem-estar, bem como possíveis projetos conjuntos futuros no território. Esta iniciativa prevê a articulação com projetos do CFE a decorrer no território transfronteiriço das Serras da Gata (Espanha) e da Malcata (Portugal) e visa testar, em território nacional, a metodologia de Cartografia Social que tem sido amplamente desenvolvida pelo OTSS, no âmbito do “Projeto Povos”, que evidencia os territórios, identidades e tradições de 64 comunidades tradicionais.

As metodologias utilizadas neste projeto assentam nos trabalhos anteriores de pesquisa-ação desenvolvidas quer na LISSA, quer no OTSS, enfatizando a transição ecológica, o desenvolvimento de sistemas de participação e cidadania ativa desenvolvidos no contexto da LISSA, a governança viva, a gestão compartilhada e a cartografia social desenvolvidas no contexto da OTSS, a partir da qual construímos metodologicamente esta incursão pelo território referido.

O relatório está estruturado em quatro partes: uma primeira que procura enquadrar a missão num contexto nacional e europeu, transfronteiriço, bem como descrevendo os antecedentes da cooperação entre Portugal e Brasil; uma segunda parte que apresenta os objetivos da cartografia social, a abordagem metodológica e o plano de trabalho; uma terceira parte que se foca nos principais resultados da cartografia social nos três momentos – Vilar Maior, Universidade Sénior do Sabugal e Malcata; e uma quarta parte que se foca nas perspetivas de continuidade tendo em conta esta experiência, terminando com as conclusões finais.

2. Enquadramento

2.1. Contexto Nacional e Europeu

O continente europeu enfrenta um conjunto único de desafios relacionados com a sustentabilidade e a transição ecológica. Entre esses desafios, as áreas interiores vulneráveis emergiram como pontos focais, enfrentando questões como despovoamento, mudanças climáticas e disparidades socioeconómicas de forma significativa (de Almeida, 2017; Kusioi et al., 2022; Oliveira et al., 2020; Vidal et al., 2018). A necessidade de abordar as vulnerabilidades das áreas interiores e promover a transição ecológica, a promoção da saúde e o bem-estar está alinhada com os princípios do Pacto Verde Europeu (European Commission, 2019).

A vulnerabilidade e os desafios socioecológicos das áreas interiores são transversais por toda a Europa, ainda que com especificidades nas regiões a sul fruto das condições bioclimáticas e socioeconómicas (Cortegano et al., 2021). Fatores como o acesso limitado a recursos, infraestruturas insuficientes e oportunidades económicas limitadas contribuem para a sua vulnerabilidade (de Almeida, 2017). Acrescem a estes desafios o declínio de atividades económicas tradicionais, como agricultura, que tem conduzido ao êxodo populacional e aos desequilíbrios demográficos (Alves et al., 2023). Com uma população envelhecida e oportunidades limitadas para a geração mais jovem, o crescimento sustentável torna-se uma preocupação crucial (Micle et al., 2022).

Tais desafios são acentuados pelas alterações climáticas que representam ameaças significativas para as áreas interiores, resultando em eventos climáticos extremos, ecossistemas alterados e maior vulnerabilidade a desastres naturais (Kovats et al., 2014). Tais mudanças afetam não só a agricultura, os recursos hídricos e a biodiversidade, mas de igual forma o tecido socioeconómico das regiões. Assim, a resiliência aos riscos relacionados ao clima torna-se imperativa para o desenvolvimento sustentável das áreas interiores (European Commission, 2023).

2.2. Contexto Transfronteiriço Gata-Malcata

O contexto transfronteiriço Espanha-Portugal "Gata-Malcata" abrange os municípios de Sabugal e Penamacor, que incluem o território português conhecido como "Serra da Malcata", e em Espanha abrange a Mancomunidad da "Sierra da Gata" que abrange 19 pequenos municípios (Acebo, Cadalso,

Cilleros, Descargamaría, Eljas, Gata, Hernán Pérez, Hoyos, Moraleja, Perales del Puerto, Robledillo de Gata, San Martín de Trevejo, Santibáñez el Alto, Torre de Don Miguel, Torrecilla de los Ángeles, Valverde del Fresno, Villamiel, Villanueva de la Sierra, Villasbuenas de Gata). No âmbito de um projeto em curso (PHOENIX H2020 GA 101037328), o diagnóstico biofísico e sociocultural (Alves et al., 2023) identificou que apesar de se tratarem de áreas geográficas administrativamente distintas, ambos os territórios são altamente vulneráveis aos incêndios florestais e à escassez de água e procuram responder à necessidade de planeamento e gestão da paisagem para prevenir os incêndios florestais e implementar inovações nos sistemas de gestão da água e na prevenção de cenários de escassez.

Os dados analisados no âmbito do referido projeto apontam para a existência de fenómenos de despovoamento, envelhecimento e isolamento que, a par de uma elevada vulnerabilidade aos impactes das alterações climáticas, se assumem como os principais desafios socioecológicos da região. A par destes, o território é também palco de desigualdades sociais, em termos de rendimento, emprego, idade e género, figurando como barreiras à equidade e à inclusão. A perda populacional, traduzível na dificuldade em fixar a população no território, é fruto das barreiras e dificuldades já amplamente reconhecidas, sendo necessário novos atores, mais jovens, que desenvolvam o território¹. Na verdade, a problemática em torno da fixação da população nos territórios emerge como uma questão central, sobretudo nos movimentos de “retorno à terra”, dos que “veem da cidade”². Mas também a falta de mobilidade e transportes, o isolamento “agreste” e o clima. De acordo com a entrevista exploratória realizada com Beatriz Rodrigues:

Para sobreviver no interior e em meios mais pequenos, é preciso criar formas de coexistência entre as diferentes culturas, entender o que é o limite para ser feliz - o sentimento de comunidade que só é possível em lugares pequenos.

¹ Entrevista exploratória com António Cabanas, sociólogo no Instituto de Conservação da Natureza e Florestas e antigo autarca (Penamacor, 06 de julho de 2023).

² Entrevista exploratória com Beatriz Rodrigues, Artista, Apicultura e Tatuadora (voltou à Terra) que diz que vem em contraciclo - em vez de ir para a cidade, voltou ao campo, à terra. Nunca viveu no Sabugal mas a sua mãe é da freguesia do Espinhal e o pai de Viseu. Nasceu em 1979 (vaga migratória dos anos 60) em Paris, tendo voltado a Portugal para frequentar a escola. Estudou em Coimbra (Professora de Artes Visuais) e viveu 8 anos em Lisboa a dar aulas ao mesmo tempo que tinha uma banda de rock (que terminou em dezembro de 2022). Devido ao ritmo frenético da cidade e ao stress, enfrentou uma crise, não se sentia bem, andava à procura de terra, de contacto com a natureza e com os animais - queria uma vida *slow*. Hoje em dia vive numa quinta, é tatuadora, dá aulas de artes e é apicultura no Sabugal (Sabugal, 04 de julho de 2023).

No entanto, a entrevistada refere a falta de transparência nos processos de financiamento do interior e das abelhas em particular, pelo que é necessário criar redes de cooperação em que se percebe o que é que cada um tem para oferecer.

Pese embora este diagnóstico, o território beneficia de alguma tradição ao nível de mecanismos e/ou iniciativas que envolvem as comunidades locais na transformação e reorganização da paisagem para reduzir o risco de incêndio e estimular a economia agro-silvo-pastoril nestes territórios rurais. No âmbito do Programa de Transformação da Paisagem (Decreto-Lei n.º 28-A/2020), o território da Malcata integrou a 1ª fase dos Programa de Reordenamento e Gestão da Paisagem (PRGP). O PRGP da Serra da Malcata teve início em 2021 (Despacho n.º 2507-A/2021) e abrangeu a parte sul do concelho do Sabugal e a zona norte de Penamacor. Adicionalmente, estes dois municípios propuseram conjuntamente uma Áreas de Gestão Integrada da Paisagem (AIGP), designada como “terras do Lince” (Despacho n.º 7109-A/2021, de 16 de julho), que abrange as freguesias de Malcata (no Sabugal) e Meimão (em Penamacor).

Na Serra da Gata, após um grande incêndio em 2015, as comunidades académica e civil juntaram-se numa Iniciativa Participativa Integrada de Paisagem denominada "MOSAICO", que iniciou em 2016. Trata-se de um projeto de grande escala e de longo prazo, que procura promover, de forma gradual, paisagens mais resilientes aos incêndios, tendo por base o envolvimento dos proprietários e Gestores Locais do Território. O projeto foi iniciado com grupos de discussão em todos os municípios da Mancomunidade da Serra de Gata, tendo os participantes sido convidados a juntar-se ao projeto, enviando as suas propostas para o website do projeto. Nos primeiros 5 anos foram apresentadas 250 propostas válidas por parte de agricultores, produtores florestais e pastores. As iniciativas foram implementadas com fundos privados, tendo a equipa do Mosaico dado apoio técnico, organizadas sessões práticas e cursos de formação. O projeto segue uma abordagem adaptativa para aumentar a probabilidade de sucesso, e visa a recuperação sustentável das florestas através da agro-silvi-pastorícia para restabelecer uma paisagem em mosaico, a fim de reduzir os incêndios florestais, com uma grande aposta na promoção da economia circular (Pulido et al., 2023).

No entanto, alguns destes processos³ são fragmentados e estão essencialmente ligados a procedimentos legais, relegando para as margens, fruto da sua própria natureza, comunidades invisibilizadas, mais vulneráveis e com mais dificuldades em participar nos mesmos. Assim, urge

³ No caso do Programa de Transformação da Paisagem trata-se de um projeto participativo com grande enfoque nas pessoas.

desenvolver e promover processos de participação no território que considerem as especificidades socioculturais e biológicas, no que se refere à sociodiversidade na tomada de decisões em matéria de ambiente e a sua participação através da criação de estratégias de integração e de monitorização. Mas também ao nível de desenvolvimento de estratégias que contribuam na definição de políticas estratégias transnacionais nesta região, com o envolvimento dos cidadãos e das partes interessadas.

Perante este enquadramento do território e considerando-o como reunindo as características necessárias para o seu desenvolvimento, em Portugal, as ações territorializadas iniciaram na região da Serra da Malcata, mais concretamente no município do Sabugal, com perspetivas de ampliação futura para o Parque Natural do Douro Internacional (Zonas Transfronteiriças com a Espanha) e a Floresta Laurissilva na Madeira. A cartografia social foi o principal instrumento de diagnóstico inicial para os projetos iniciais de diagnóstico territorial, com ênfase na governança viva e na gestão compartilhada.

2.3. Contexto da Cooperação Portugal-Brasil: antecedentes

2.3.1. O Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina

A cooperação entre investigadores da Fiocruz e investigadores do CFE iniciou-se em 2011, na I Oficina Internacional da Rede Lusófona de Territórios Sustentáveis, Promoção da Equidade e da Saúde, que decorreu no dia 10 de agosto, organizada pela Universidade Federal da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Fundação Oswaldo Cruz/Ministério da Saúde, Brasil e Universidade Aberta, Portugal, na Cidade de Salvador/Bahia, Brasil. Desde esse momento a cooperação se desenvolveu em torno de eixos comuns que tiveram desenvolvimentos de alguma forma convergentes em cada grupo: sustentabilidade, saúde, ambiente, saberes plurais e racionalidades leigas.

A Fiocruz já tinha iniciado o desenvolvimento da abordagem dos territórios sustentáveis e saudáveis em 2009, na região da Bocaina, através da parceria com o movimento social Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT), principal organização de articulação de povos e comunidades tradicionais quilombolas, indígenas e caiçaras da região. O FCT foi fundado em 2007, tendo como propósito promover a justiça socioambiental e garantir a reprodução do modo de vida tradicional no território a partir do protagonismo e liderança das comunidades tradicionais. Esse processo se consolidou a partir de 2013, com a implantação do Observatório de Territórios Sustentáveis

e Saudáveis da Bocaina (OTSS), parceria entre o FCT e Fiocruz, através da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS) e em 2020 tornou-se um programa institucional da Fiocruz.

O OTSS configura-se como um laboratório territorial colaborativo que abarca diferentes ações e projetos de identificação, mapeamento, observação, sistematização, instrumentalização e capacitação, incubação de processos e formação de lideranças dos territórios tradicionais, possibilitando o desenvolvimento, aplicação, avaliação e reaplicação de tecnologias inovadoras adequadas às necessidades do território e à promoção da sustentabilidade socioambiental e da saúde (Gallo & Nascimento, 2019). Essa parceria resultou na implantação de estratégias de desenvolvimento sustentável e promoção da saúde por meio da atuação em diversas frentes: educação diferenciada; agroecologia; saneamento ecológico; pesca artesanal; turismo de base comunitária, fortalecimento do FCT, defesa do território, cartografia social, promoção da saúde, incubadora de tecnologias sociais, agenda 2030 e cooperação internacional (Gallo et al., 2021^a).

Sua governança se dá com base na ecologia de saberes, da pedagogia da autonomia, do planejamento estratégico-comunicativo e da gestão compartilhada, utilizando metodologias participativas como a cartografia social e as partilhas de conhecimento e fortalecendo o controle social, atuando em mais de quinze conselhos, comitês e órgãos colegiados (Gallo, 2021^a). Juntas, ambas as organizações tiveram assento no comitê oficial responsável pela candidatura que levou Paraty e Ilha Grande ao título de patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO e participam de seu Comitê Gestor.

2.3.2. A Cartografia Social

O processo de caracterização da Serra da Gata/Malcata, constituiu-se a partir de metodologias participativas, como a Nova Cartografia Social (Wagner et al., 2015), na qual o mapeamento focaliza os conhecimentos e percepções sobre seus territórios e seus modos de vida, refletindo o modo de ver e pensar, respeitando suas referências culturais. E é realizado pela própria comunidade com amparo de educadores que, inspirados nas práticas freirianas, atuam como intermediadores e trocadores de aprendizados.

Efetiva-se, assim, uma construção distinta, na qual a tarefa do educador não é ensinar como fazer uma caracterização, mas criar possibilidades para a produção e construção, junto com eles, de instrumentos

geográficos e narrativos que “permitam identificar as práticas tradicionais que constituem a identidade coletiva e os conflitos que ameaçam tais comunidades” (Cortines et al., 2019, p. 241), a fim de planejar estratégias futuras de permanência no território. Trata-se, antes de tudo, do que defende a ecologia de saberes, de um intercâmbio entre a pluralidade de conhecimentos e do diálogo entre esses conhecimentos, que permanecem autônomos, mas a partir dessa relação produzem novos saberes (Santos, 2007).

Segundo a cartografia decolonial, é nessa interação entre o conhecimento daqueles que são historicamente oprimidos e o colonialismo ocidental que é possível questionar a hegemonia do último e romper com a invisibilidade dos primeiros. Esse modo de construir conhecimento exige, entretanto, uma práxis que não apenas denuncia, mas que propõe novas possibilidades de conceber o mundo a partir do aprendizado vivido no bojo de movimentos sociais: “decolonizar é construir outras epistemologias” (Goulart, 2019).

Embora seja notório o valor dos conhecimentos tradicionais e de já existirem textos legais e tratados internacionais que mencionem sua importância, ainda é insuficiente o reconhecimento oficial, pois são muito tímidas suas consequências práticas e políticas. De modo geral, o Estado e a sociedade seguem subalternizando esses conhecimentos, sobretudo quando comparados aos conhecimentos produzidos pela ciência moderna ocidental. Além disso, frequentemente são desqualificados ao serem associados às “crendices”, “senso comum”, “folclore”, saberes sem relevância técnica, científica e estética. São preconceitos que decorrem, em parte, do desconhecimento sobre a existência de diferentes ontologias, cosmologias e epistemologias presentes nos modos de pensar dos povos e comunidades de tradição oral. Não se compreende a forma como os conhecimentos são construídos, atualizados, aplicados e transmitidos. Nem tampouco seus conteúdos e inter-relações. A esta abordagem que conjuga a ecologia de saberes ao planejamento estratégico situacional e comunicativo e ao desenvolvimento de soluções, chama-se Governança Viva (Gallo, 2021).

2.3.3. Governança viva

Os modos emancipatórios de “andar a vida” são condicionados pela constituição de territorialidades emancipatórias e pelo uso e produção do espaço, e destes dependentes. As territorialidades se constituem nos processos de apropriação crítica das dimensões mais amplas de determinação da vida –

economia, sociedade, natureza e cultura – e de produção do espaço a partir do modo de organização tecnológica e social e dos fluxos e estruturas que viabilizam sua reprodução. Esses dois movimentos se articulam pela governança viva, que garante sua 14georreferenciação estratégica e sua efetividade por meio das acumulações cognitivas, organizacionais, políticas, financeiras, comunicacionais, culturais e afetivas produzidas (Gallo, 2021b),

A partir de ações integradas e do trabalho em rede, o OTSS permite que os conhecimentos dos investigadores académicos dialoguem com os conhecimentos dos investigadores comunitários (Figura 1). Deste diálogo, emergem novos conhecimentos e práticas que suscitam o desenvolvimento de novas tecnologias e modificações no arranjo organizacional, que ocorrem de forma dinâmica e viva.

“Assim, territórios sustentáveis e saudáveis podem ser compreendidos como espaços constituídos a partir de relações sociais e de pertencimento simbólico e afetivo, apropriados criticamente e intencionalmente reconfigurados pela ação territorializada de coletivos portadores de vida nos quais o bem viver é o foco da governança viva. Essa governança viva integra ações comunitárias, da sociedade civil e do Estado para a gestão dos bens comuns e de políticas públicas em redes nas dimensões socioeconômicas, ambientais e culturais, possibilitando modificações do modo de produção e consumo hegemônico e a emergência de racionalidades emancipatórias instituintes de modos de vida solidários, afetivos e autônomos que permitem novos modos de andar a vida. Aplicada a uma situação concreta, a um território vivo e referido às territorialidades nele construídas, procurando compreender as práticas que o reconstróem permanentemente e interferir sobre elas, esta abordagem produz e implementa agendas locais, territorializadas.” (Gallo, 2021, p. 115).



Figura 1 - Metodologia de Governança Viva do OTSS. Fonte: Gallo, 2021a, 111.

Um dos fatores primordiais para o exercício dessa governança é a referência multiescalar, que parte de microterritórios de atuação e se articula a escalas regionais, nacionais e globais, em redes de cooperação. Assim, as ações e atores estratégicos são definidos com base na compreensão da dinâmica territorial, permitindo a integração entre diferentes setores. No OTSS, a cartografia social é utilizada como a principal ferramenta de mobilização, significação de identidade e pertencimento, análise situacional e construção da hierarquia de prioridades. Um exemplo disso pode ser observado nos mapas (Figura 3 e 4), resultado da espacialização dos mapas falados elaborados no início dos processos (Figura 2). Esta cartografia permite o desenho de estratégias de ação territorializadas para TSS.

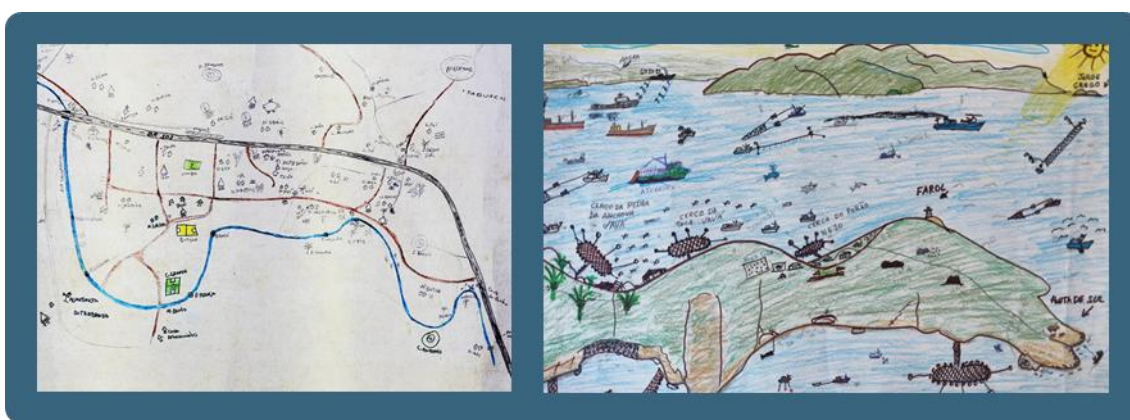


Figura 2 – Mapas falados de Joatinga e Campinho. Fonte: Banco de Imagens OTSS, 2020.

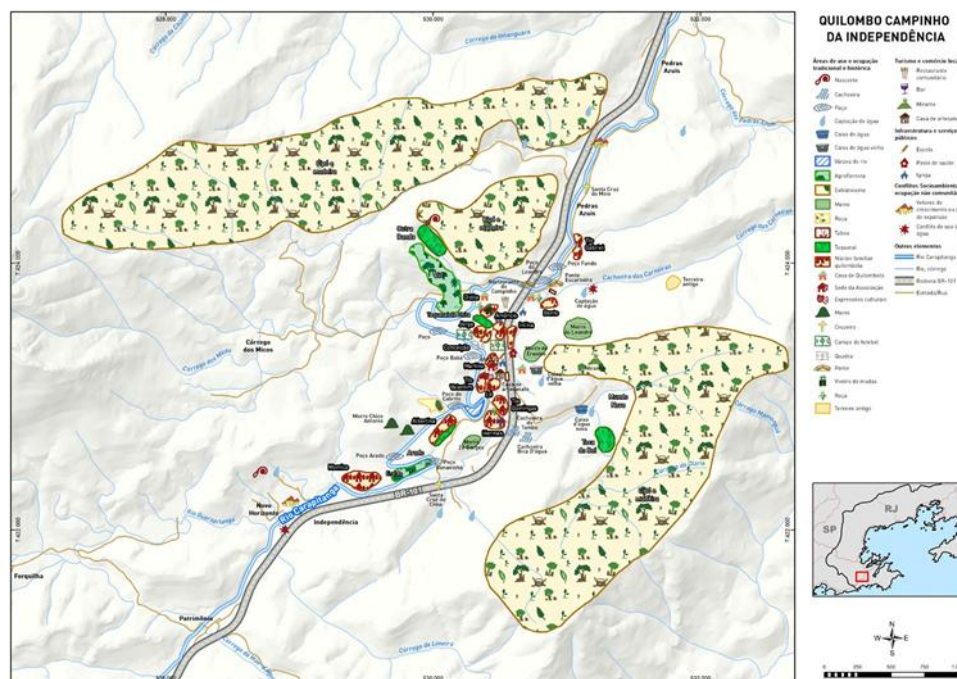


Figura 3 – Cartografia do Quilombo do Campinho. Fonte: Banco de Imagens OTSS, 2020

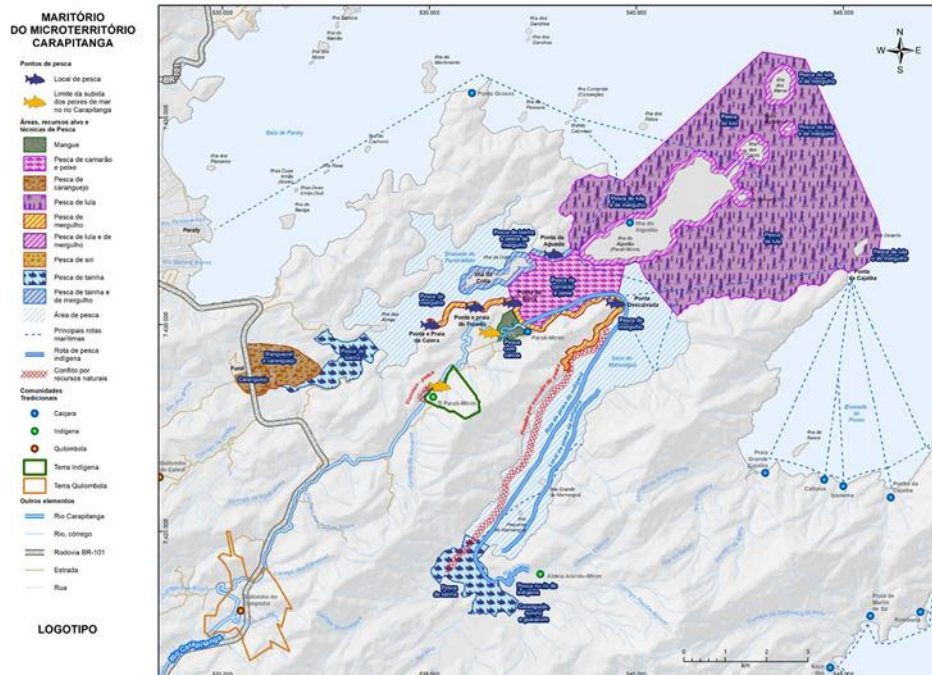


Figura 4 – Cartografia da área de pesca do microterritório do Carapitanga. Fonte: Banco de Imagens OTSS, 2020

Levando em consideração os pressupostos epistemológicos apresentados anteriormente, a cartografia social desenvolvida pelo OTSS compreende duas etapas que são concomitantes e dialógicas entre si, a saber: o processo formativo social e a construção da cartografia dos territórios tradicionais. Ambas são partes integrantes da cartografia social, na medida em que não se trata apenas de construir mapas das comunidades e sim de garantir que tais mapas sejam confeccionados e protagonizados pelos próprios moradores do território, assim como possam resultar em processos de governança territorial e desenvolvimento tecnológico.

2.3.4. Cooperação internacional

Desde 2012 o OTSS vem adensando as parcerias com instituições internacionais da Europa, América Latina e África, com ênfase no Termo de Cooperação com a Universidade de Coimbra para a construção e implantação de estratégias para a promoção de territórios sustentáveis e saudáveis. Associadamente, o FCT em articulação com movimentos sociais internacionais, especialmente da AL e África, vem dinamizando o Fórum Internacional de Territórios Tradicionais para o Bem Viver (FITTBV) para a ampliação, visibilidade e concertação global dos movimentos de povos e comunidades tradicionais, articulando redes de solidariedade.

Neste contexto, em 2019 foi criada a Universidade Cooperativa Internacional, LUCI (L'Université Cooperative Internationale) em coparticipação entre o FITTBV e as instituições internacionais Universidade de Coimbra, Universidade de Paris 8, Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Universidade de Los Lagos e a Universidade de Antióquia, além da rede nacional de instituições de pesquisa e movimentos sociais do Brasil. Atualmente, no âmbito do TC Fiocruz-Coimbra, está sendo estruturada a Universidade Intercultural dos Povos.

A cooperação internacional do OTSS é voltada para projetos territorializados de cooperação sul-sul e norte-sul e pretende reunir conhecimentos locais, transnacionais e globais para intercâmbio e partilha das experiências de soluções territorializadas de base comunitária. Participam dos intercâmbios investigadores comunitários e investigadores académicos na perspetiva dos projetos territorializados em curso em territórios do Brasil, Portugal, Senegal e Chile, além da estruturação de cursos de pós-graduação (doutorado) e a realização de seminários abertos.

Em Portugal as ações territorializadas iniciaram na Serra da Malcata, com perspetivas de ampliação futura para o Parque Natural do Douro Internacional (Zonas Transfronteiriças com a Espanha) e a Floresta Laurissilva na Madeira e há a intenção de reaplicação para outros países da África a médio prazo (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique). Os projetos são desenvolvidos com base nas metodologias de pesquisa-ação a partir da experiência territorializada da OTSS, com ênfase na governança viva, a gestão compartilhada, tendo como principal instrumento de diagnóstico territorial inicial a cartografia social.

3. Cartografia Social na Malcata – Município do Sabugal

É importante sinalizar que a metodologia de cartografia social do OTSS, para além dos limites geográficos estabelecidos pelas unidades administrativas locais ou regionais, considera centralmente as relações políticas e sociais. Portanto, a partir dos conceitos de Macro, Meso e Microterritório (Gallo, 2021b) para fins deste trabalho (Figura 5) consideramos como:

- Macroterritório a região entre a Serra da Gata e a Serra Malcata;
- Mesoterritórios: municípios do Sabugal e Penamacor (Malcata); Mancomunidade da Serra de Gata (Gata);
- Microterritórios: união de freguesia de Aldeia de Ribeira Vilar Maior e Badamalos e a freguesia do Sabugal.

Abaixo identificamos os territórios (em azul) onde a cartografia social foi realizada:

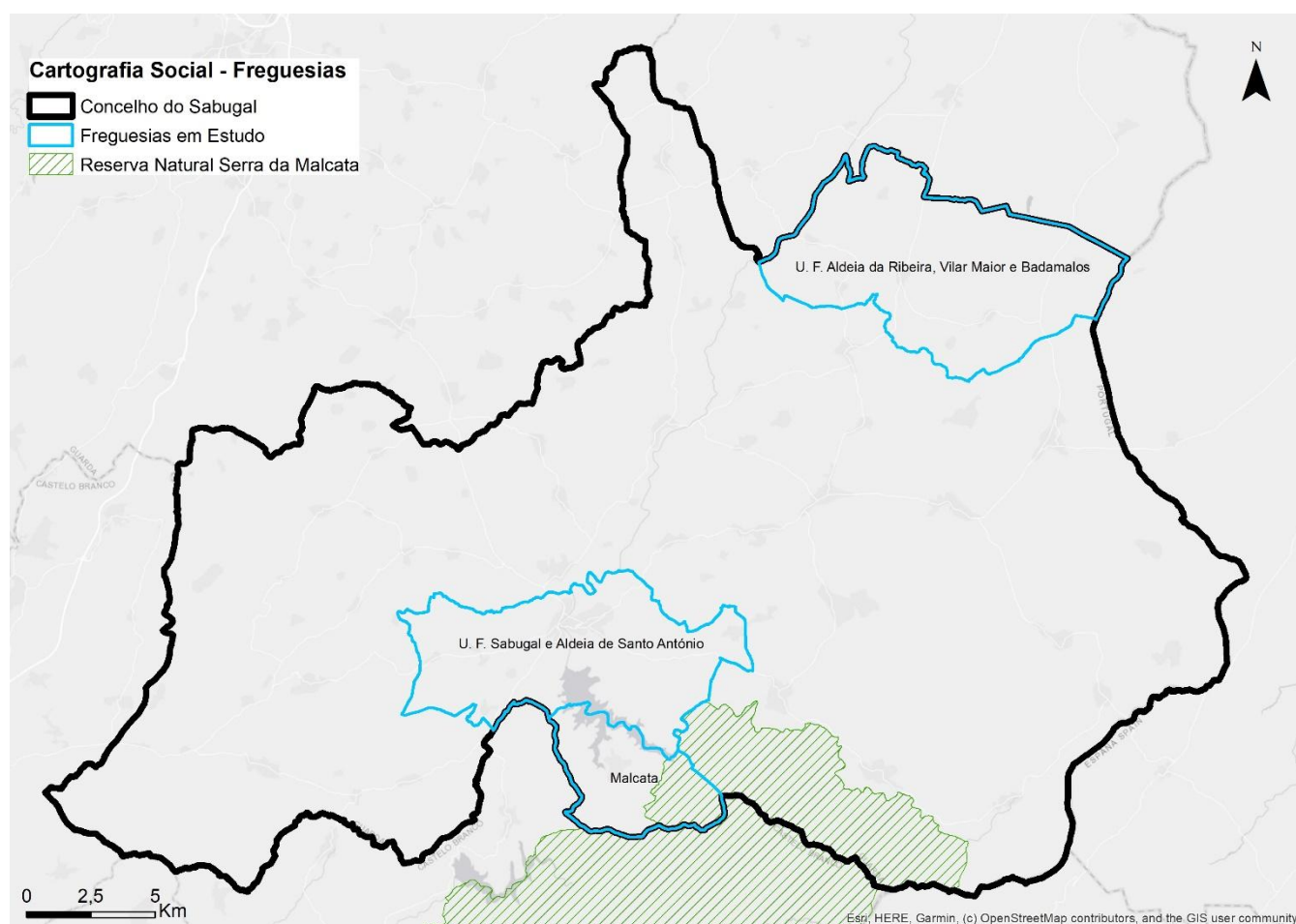


Figura 5 – Mapa dos territórios em que foi realizada a cartografia social.

3.1. Objetivos

Através de atividades colaborativas as comunidades locais de Vilar Maior, Concelho do Sabugal e Malcata desenharam e perspetivaram os seus próprios territórios, usando a metodologia da Cartografia Social. Esta, possibilita a combinação dos conhecimentos locais e o mapeamento das interações sociais, culturais e ecológicas, visando identificar as potencialidades e oportunidades das áreas onde as populações residem, bem como suas vulnerabilidades e ameaças. Essa abordagem fomenta a discussão coletiva sobre os possíveis futuros do território, alinhados com a visão compartilhada pela comunidade.

Assim, o objetivo do projeto é mapear do ponto de vista dos atores locais, as características do território para identificar as suas potencialidades e vulnerabilidades, de modo a ter conhecimento do território na perspetiva de quem o habita e nele trabalha que resultará na elaboração de um Plano de Ação participativo tendo por base o mapeamento efetuado com as comunidades.

3.2. Abordagem metodológica: etapas, participantes, locais

A abordagem metodológica ocorreu em duas grandes etapas:

1ª- “Chegança” – caracterização inicial

- Entre os dias 24 de junho a 2 de julho ocorreu o planeamento das primeiras atividades no Território de aprendizagem (“Chegança”) com reunião de toda equipa no dia 28 de junho na Universidade Aberta para alinhar os objetivos e realizar o planeamento das atividades seguintes;
- Entre 3 a 8 de julho de 2023 ocorreu a recolha de conhecimentos e a articulação com os atores locais. O objetivo principal foi o de apresentar o projeto, esclarecer dúvidas e garantir que os mapas fossem construídos de forma colaborativa. Nesta fase foi crucial a colaboração já existente entre o CFE e o Município do Sabugal, bem como dos vários *stakeholders* envolvidos. Realizaram-se várias reuniões com entidades locais: Nuno Rito, funcionário do município e responsável pela Universidade Sénior; Sílvia Nabais, Vice-Presidente do Município; António Cunha, Presidente da União das freguesias de Aldeia da Ribeira, Vilar Maior e Badamalos; Jacques Henriques, Presidente da Junta de Freguesia de Fóios; João Fernandes, Presidente da Junta de Freguesia da Malcata. A equipa participou ainda na “Visita Guiada e Interpretativa de Vilar Maior”, organizada pela Associação Muralhas de Vilar Maior, que influenciou a seleção da primeira área para teste da metodologia, além de atividade guiada no rio Côa, identificando a relação do território com os corpos hídricos. Nesta primeira fase foram ainda realizadas duas entrevistas exploratórias: António Cabanas, Sociólogo no Instituto da Conservação da Natureza

e das Florestas, antigo autarca; Beatriz Rodrigues, Artista, Apicultura e Tatuadora que decidiu mudar de vida e voltar à terra da sua mãe e avós. A Tabela 2 resume as entrevistas realizadas neste período bem como a sistematização das questões/problemáticas identificadas pelos/as entrevistados/as.

Tabela 1 – Entrevistas realizadas e sistematização das questões/problemáticas identificadas pelos/as entrevistados/as.

Data	LOCAL	Questões/Problemáticas identificadas
03/07/2023	Vilar Maior	Conhecimento do Território – Perspetiva Histórica e Cultural a partir da “Visita Guiada e Interpretativa de Vilar Maior”, organizada pela Associação Muralhas de Vilar: 1. Falta de perspetiva para o futuro dos Jovens; 2. Falta de Segurança Hídrica (afetando fauna, flora e pessoas) em especial foi identificada a insegurança em relação ao consumo humano, agricultura e dessedentação de animais; 3. Esvaziamento do território; 4. Falta de políticas públicas para garantir os Direitos Humanos da População (Saúde, transporte em especial); 5. Cobrança de pedágio nas estradas.
04/07/2023	Universidade Sénior (Sabugal)	Entrevista com Nuno Rito, funcionário do município e responsável pela Universidade Sénior: 1. Migração das aldeias para o concelho de Sabugal devido a falta de serviços básicos (hospitais, mercados); 2. Falta de Segurança Hídrica relatada nas aldeias do Concelho de Sabugal.
04/07/2023	Ateliê de Beatriz Rodrigues	Entrevista à Beatriz Rodrigues, Artista, Apicultura e Tatuadora que decidiu mudar de vida e voltar à terra da sua mãe e avós: 1. Relação ser humano e natureza como fator relevante para a melhora da saúde emocional; 2. Incêndios na zona agreste, indicação de que a substituição de pinheiros por eucalipto potencializa o risco de queimadas; 3. Falta de regulamentação do uso da água pelas pessoas e atividades produtivas gerando insegurança hídrica; 4. Cobrança de pedágios nas auto estradas dificultando o ir e vir e a manutenção das relações sociais entre as pessoas que não tem recursos para pagar; 5. Identificação de que em situações de isolamento social, como pandemia Covid-19, em locais menores e com acesso a natureza havia mais felicidade, esperança, solidariedade e qualidade de vida.

04/08/2023	Câmara Municipal do Sabugal	Entrevista com Sílvia Nabais, Vice-Presidente do Município: 1. Disponibilização da Câmara para apoiar a comunicação entre a equipa de investigadores e os Presidentes de Juntas; 2. Necessidade de metodologias e tecnologias sociais como a Cartografia Social para realizar a discussão de maneira democrática sobre “qual futuro se quer para o Sabugal”; 3. Indicação de realizar a etapa do Mapa Falado na Malcata, além de Vilar Maior; 4. Sugestão de utilizar as metodológicas do OTSS para realizar a caracterização das aldeias a partir da perspectiva de estudantes da Universidade Sénior.
04/08/2023	Rio Côa	Atividade guiada no rio Côa, identificando a relação do território com os corpos hídricos: 1. Identificação da Cultura da Água local; 2. Importância do uso da água sustentável para evitar desabastecimento; 3. Identificação do potencial para turismo sustentável e de base comunitária ao redor do rio Côa.
05/07/2023	Auditório do Sabugal	Participação da atividade promovida pela Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro-Norte: 1. Identificação da proposta da Raia Centro Norte para o desenvolvimento local entre 2023-2027; 2. Identificação da ausência de pessoas das aldeias no evento.
05/07/2023	Auditório do Sabugal	Entrevista exploratória com António Cunha, Presidente da União das freguesias Aldeia da Ribeira, Vilar Maior e Badamalos: 1. Identificação do interesse em aplicar a tecnologia social da Cartografia Social para realizar o planeamento territorializado; 2. Agendamento das atividades para construção do mapa falado

06-07-2023	Barragem da Meimoa	António Cabanas, Sociólogo no Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, antigo autarca: 1. Insegurança Hídrica gerada pela falta de regulamentação e participação social; 2. Possibilidade de desenvolvimento local sustentável embasado no turismo de base comunitária; 3. Contextualização sócio histórica do território.
06-07-2023	Universidade Sénior (Sabugal)	Apresentação do projeto para os integrantes da Universidade Sénior: 1. Identificação do interesse em caracterizar as aldeias locais a partir das metodologias participativas.
06-07-2023	Fóios	Entrevista com Jacques Henriques, Presidentes da Junta de Freguesia de Fóios: 1. Potencial para turismo de base comunitária nos Fóios; 2. Insegurança hídrica no uso da água no concelho do Sabugal; 3. Interesse em desenvolver a Cartografia Social nos Fóios.
06-07-2023	Malcata	Entrevista com João Fernandes, Presidente da Junta de Freguesia da Malcata: 1. Insegurança Hídrica gerada pela barragem; 2. Dificuldade em realizar o planeamento territorializado que que atenda a Agenda 2030; 3. Interesse em mobilizar a população para realização da Cartografia Social na Malcata; 4. Potencial para turismo de base comunitária como elemento de desenvolvimento sustentável.

07/7/2023	Sabugal	Sistematização, análise dos dados e planeamento político pedagógico da transferência de Cartografia Social para a Serra da Malcata: 1. Seleção de Vilar Maior e Serra Malcata como territórios de aprendizagem para a realização do Mapa Falado, baseado na disponibilidade de infra-estrutura e mobilização local; 2. Seleção da Universidade Sénior para caracterização das aldeias do Concelho do Sabugal e escuta das experiências das/dos estudantes reformados.
-----------	---------	---

Concluída a etapa “Chegança” foi acordada com representantes de cada território a previsão do planeamento da cartografia social da Malcata (Tabela 2).

Tabela 2 – Planeamento da cartografia social da Malcata

SESSÃO	LOCAL	DIAS	HORÁRIOS	DINÂMICA	Participantes
Vila Maior	Auditório da junta de freguesia	18 de julho	14h-17h	- Breve apresentação das pessoas e do projeto - Criar vínculo com a proposta (dentro e fora da dinâmica) - Primeiro desenho do mapa falado - Identificar os informantes chave para as entrevistas semiestruturadas - Identificação dos elementos para o plano de incidência - Identificação de quem vai fazer localmente o georreferenciamento do território e através de que software	12 membros da comunidade (maioria reformados)
		19 de julho	10h-12h30 14h-17h		
Universidade Sénior do Sabugal	Sala da Universidade	20 de julho	14h-17h	- Trabalho ao nível do concelho - Desenho e identificação das aldeias de origem - Organizar os participantes por grupos de trabalho de aldeia de origem (se possível) - Identificação dos elementos positivos e negativos do passado – criação de ícones - Identificação do que mudou e do que não mudou - Identificação do que há de novo no presente - Identificar o que querem para o futuro das suas aldeias	9 alunos da universidade sénior

Malcata	Junta de freguesia	21 de julho	9h-11h30 14h-17h	- Breve apresentação das pessoas e do projeto - Criar vínculo com a proposta (dentro e fora da dinâmica) - Primeiro desenho do mapa falado - Identificar os informantes chave para as entrevistas semiestruturadas - Identificação dos elementos para o plano de incidência - Identificação de quem vai fazer localmente o georreferenciamento do território e através de que software	10 membros da comunidade
		22 de julho	9h-11h30		

A metodologia da cartografia social foi adaptada à realidade da localidade e do tempo e recursos disponíveis no microterritório da Malcata. Portanto, em cada microterritório foram acordados compromissos de trabalho coletivos (tanto dos investigadores como das pessoas das comunidades) para dar prosseguimento ao trabalho. De acordo com a metodologia aplicada, após a construção do mapa falado ocorre o período de 24georreferenciação, entrevistas em grupos focais e individuais além da análise aprofundada dos elementos levantados no momento inicial. Desta forma, a metodologia foi adaptada a partir dos encaminhamentos detalhados na etapa seguinte.

2ª- “Mapa Falado – a cartografia social

- Entre 9 a 17 de julho foi realizada a análise da Chegança e organização das atividades para o Mapa Falado, com a adaptação da metodologia, planeamento e preparação das atividades a serem realizadas além da divulgação local para mobilizar as pessoas de cada comunidade, com o desafio de realizar a atividade próxima às férias e período de maior dispersão nos territórios de aprendizagem.
- Entre 18 a 22 de julho de 2023 ocorreram as três dinâmicas de cartografia social identificadas na Tabela 1. Nesta fase, apenas foi possível desenvolver todas as etapas da cartografia social em Vilar Maior, onde participantes foram convidados a desenhar, numa cartolina branca, o território e os seus elementos (património material e imaterial), tendo por base os aspetos que consideravam importantes. Após as sessões, foram definidas as tarefas e responsabilidades seguintes, tais como dar feedback aos participantes (devolutiva), georreferenciar os elementos identificados, realizar entrevistas e elaborar um relatório “territorializado” com diagnósticos socioecológicos para apoiar futuros projetos no território.

- Na Universidade Sénior foi realizada o desenho das aldeias da cada participante identificando os elementos analisados por cada participante como os de maior desafio em relação ao passado (como falta de eletricidade, pobreza) e ao presente (insegurança hídrica, esvaziamento do território, ausência de políticas para inclusão de pessoas com necessidades especiais, etc).
- Na Malcata foi realizado, durante os dois dias, atividades de elaboração do mapa falado e identificação dos principais desafios e potencialidades no território de aprendizagem. As etapas em cada sessão serão especificadas na seção dos resultados.
- Foram elaborados convites (Figura 6) para cada uma das sessões de modo a que pudessem ser divulgados pelos meios disponíveis, quer através das redes sociais e WhatsApp, quer por meios físicos junto das comunidades. Por fim, foram ainda preparados consentimentos informados ao nível da participação (Anexo 1) e cedência de imagem (Anexo 2), aplicados aos participantes em todas as sessões.



Figura 6 – Convites elaborados no âmbito da cartografia social: A – Vilar Maior; B – Universidade Sénior do Sabugal; C – Malcata. Fonte: Elaborado por Júlia Borges para os eventos.

4. Principais Resultados

4.1. Cartografia Social em Vilar Maior

A primeira sessão de cartografia social teve lugar na aldeia de Vilar Maior onde estiveram presentes 11 membros da comunidade, a maioria reformados, que trabalharam toda a vida fora, em Lisboa ou em França. A dinâmica iniciou com a apresentação dos participantes e da equipa. Durante esse primeiro momento ficou clara a necessidade de preservação e valorização do património local, especialmente o património natural e cultural, amplamente reconhecido pela sua beleza, frequentemente associado à saúde e ao bem-estar. Os participantes nesta dinâmica abraçaram esta iniciativa com esperança, revelando a expectativa de que a equipa seja a âncora e a aliança necessária para o desenvolvimento da aldeia. Durante o primeiro momento da sessão, com a elaboração do mapa falado (Figura 7), foi notório o amor pelo lugar e o desejo de poder permanecer e subsistir no território, numa lógica de “Direito de ficar” evidenciando a necessidade de entender as potencialidades e os desafios da região como forma de desencadear uma governança territorial comunitária que crie as condições necessárias para fixar a população e promover o seu desenvolvimento sustentado.

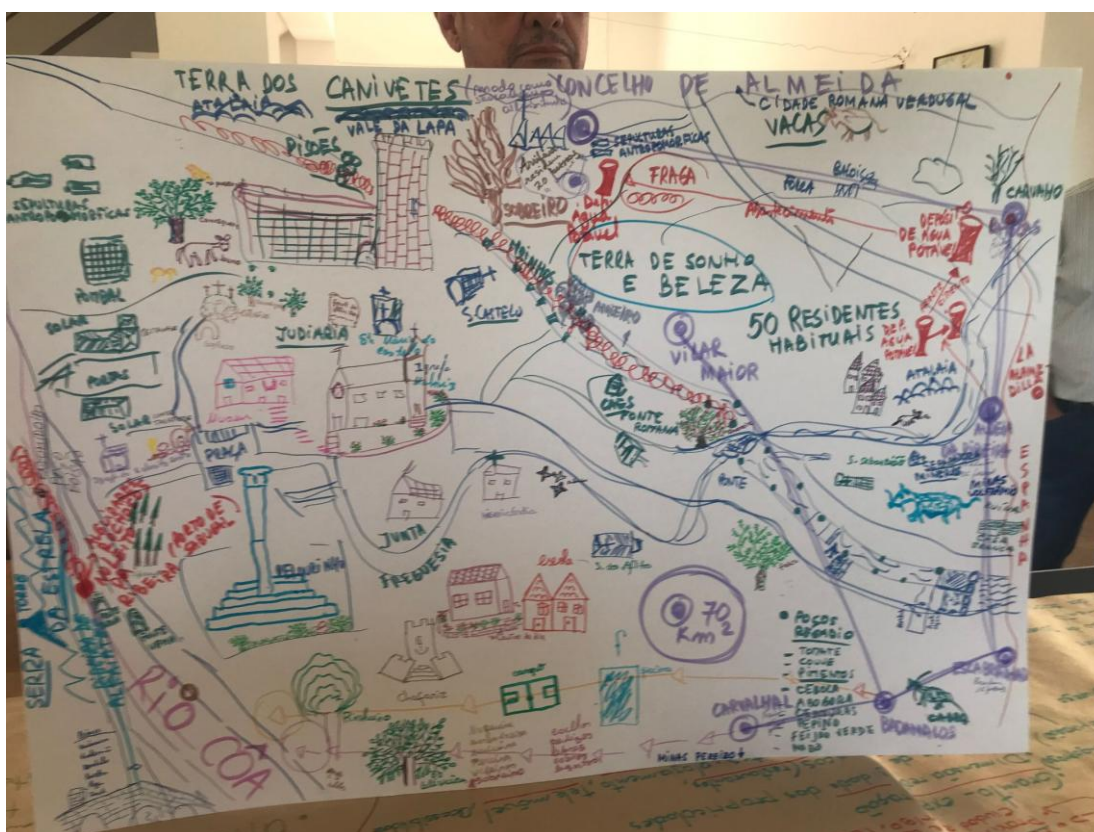


Figura 7 – Mapa falado de Vilar Maior

No segundo momento iniciou-se a dinâmica com os materiais produzidos no dia anterior, o mapa falado, a lista com o inventário dos produtos agrícolas e silvestres, as manifestações culturais, os pontos e roteiros turísticos os animais e a vegetação (Figura 8), bem como a listagem com os ofícios, minérios, plantas medicinais e as aromáticas (Figura 9). No final de reverem o trabalho efetuado e adicionarem o que entendiam, procedeu-se a análise SWOT (Figura 10).

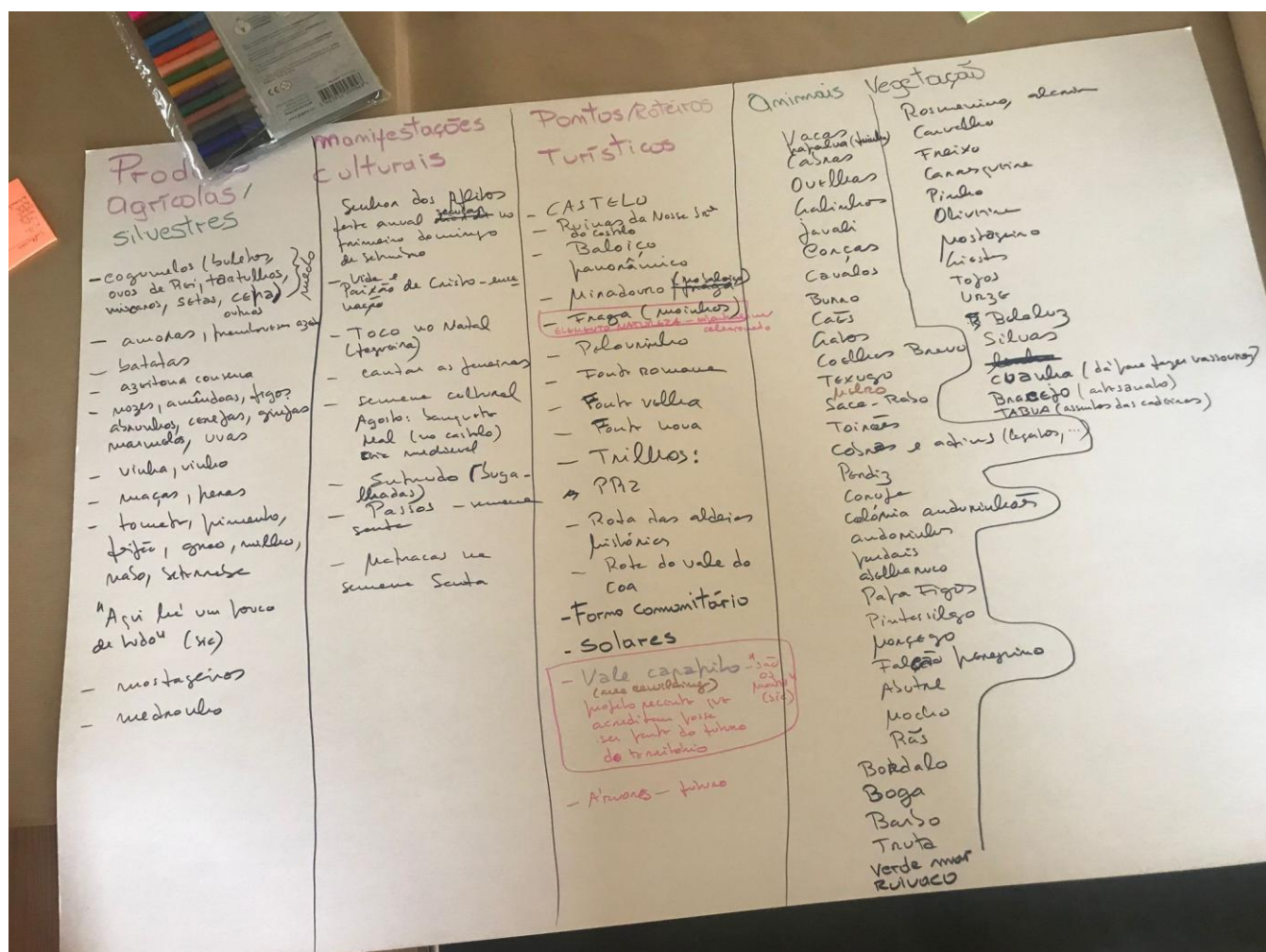


Figura 8 – Inventário dos produtos agrícolas/silvestres, manifestações culturais, pontos/roteiros turísticos, animais e vegetação.

Ofícios		Minérios		Plantas Medicinas		Aromáticas	
Feminina	Queijaria	cobre	Tinhais	- Tanceta	1	- LOURO	
	Costureiras			- Poção	2	- SALSA	
- Lã de ovelha	Tecedeiras	- volfrâmio	Lagone desiguados	- Tilia	3	- COENTROS	
- Padaria	Sapeleiras	- Tungsténio		- Cidreira	4	- HORTELÃ	
- Barbearia/Barbearia	Costeiras	- Titânio		- S. Roberto	5	- MANJERICÃO	
- Forneiros	Calçadores	- Ouro (variedades...)		- Betadine	6	- TOMILHO (BELA LUZ)	
- Sacerdotes/Padroeiros	Calçadores	- Estanho		- Calidônia	7	- SEQUELHA	
- Pluton	Releiros/Carreiros			- Louro	8	- COMINHO	
	Releiros			- MANJERICÃO	9	- OREGÃO	
	Carpiuteiras			- CHA VERDE	10	- ALECRIM	
	Taberneiros			- SEQUELHA	11	- URTIGAS (ESPOSAS, ESPOSAS)	
	Tosquiadores			- TOMILHO (BELA LUZ)	12	- HORTELÃ GIGANTE	
	Pastores			- ROSMANINHO	13		
				- OLIVEIRA (FOLHA)	14		
				- BELADONA	15		
				- HORTELÃ PIMENTA	16		
				- SARRUEIRO	17		
				- ALECRIM	18		
				- MALVA	19		
				- URTIGAS	20		
					21		
					22		
					23		
					24		
					25		
					26		
					27		
					28		
					29		
					30		
					31		
					32		

Figura 9 – Inventário dos ofícios, minérios, plantas medicinais e aromáticas.

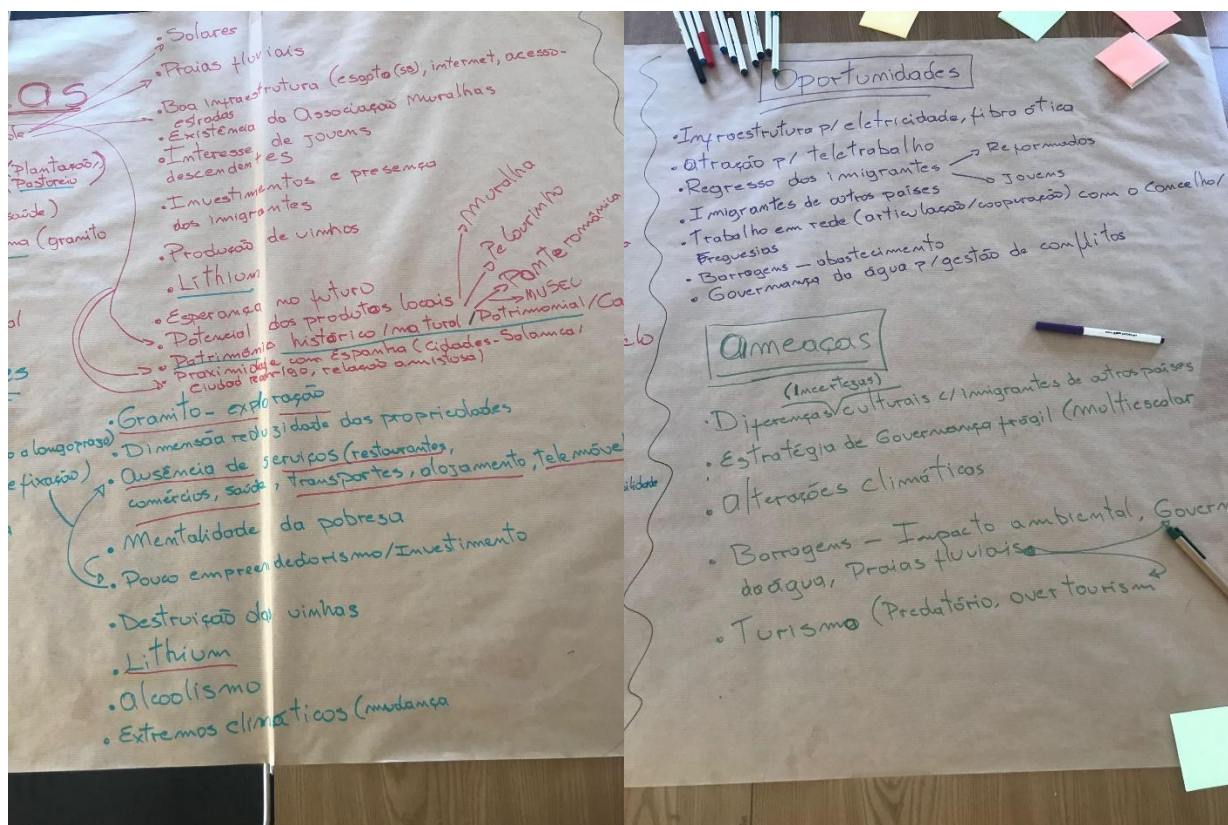


Figura 10 – Análise SWOT realizada pelos participantes em Vilar Maior.

Quando questionados sobre o futuro, o que mais os preocupava, destaca-se a seguinte expressão de um participante:

Para ter futuro precisamos que o património natural, material e cultural seja valorizado. É preciso investir em hospitais, escolas e transporte para que a população se renove pois, a última geração está a morrer.

Relembrando o poema elaborado para a “Visita Guiada e Interpretativa de Vilar Maior”, organizada pela Associação Muralhas de Vilar Maior, um participante comenta:

Haverá um dia em que a Terra se cansará do Homem.

Ao elaborar a análise SWOT ficou visível a preocupação em pensar o futuro cuidando do território e valorizando a natureza e as tradições locais. Os conflitos territoriais, como a insegurança hídrica e a gestão da água por outras aldeias, apareciam combinadas com a necessidade de garantir políticas sustentáveis, deliberadas de maneira participativa e comunitária para garantir qualidade de vida aos atuais moradores e moradoras de Vilar Maior e criar condições (com investimento público em hospitais,

escolas e transporte) para fixar novos moradores no território de aprendizagem. Ainda, sobre o futuro uma das falas pontuou:

Aqui em Vilar Maior acabou o mundo antigo e a modernidade nunca aconteceu.

Esta expressão sugere que Vilar Maior fez parte de um mundo mais antigo, tradicional e histórico que sofreu transformações e mudanças significativas, levando ao fim desse modo de vida ou estrutura social anterior. No entanto, apesar das mudanças históricas, Vilar Maior não progrediu ou transitou para a era moderna. Manteve o seu carácter tradicional, evitando as influências da modernização, da tecnologia ou dos avanços sociais. Esta situação é facilmente interligada com as preocupações dos participantes, nomeadamente quando estes alegam que persiste ainda na aldeia uma “mentalidade de pobreza” e de poupança, levando à falta de investimentos, fruto do medo do futuro. Os participantes referem-se aqui os emigrantes da aldeia que quando regressados, apesar das conquistas alcançadas fora da aldeia, não conseguem ultrapassar a memória das dificuldades que outrora vivenciaram, com medo de voltarem a ter uma vida dura, entendidas pelos participantes da dinâmica como barreiras ao progresso e ao desenvolvimento da aldeia. Foi também referido durante esta dinâmica que as tradições fazem parte da identidade de Vilar Maior. Contudo, a necessidade de um novo modelo de governança foi considerado urgente dada a falta de planeamento a médio e a longo prazo. Este novo modelo deve assentar numa lógica de complementaridade e cooperação – cada aldeia ter uma função no município. O Turismo foi identificado como ponto forte do território e que pode ser uma ferramenta de desenvolvimento sustentável local possibilitando a fixação de novos moradores no território de aprendizagem.

A continuação da atividade ocorreu na parte de tarde⁴, sendo o último momento da sessão em Vilar Maior, onde a equipa apresentou um resumo sobre a análise SWOT realizada e qual a sua finalidade. Realizada uma síntese, foram identificados três grandes desafios nucleares:

- Núcleo de turismo de base comunitária (Figura 11)
- Núcleo de repovoamento (Figura 12)

⁴ Durante a parte de tarde veio uma senhora de outra aldeia, dizendo que lá tem muito mais coisas do que em Vilar Maior, afirmando que não era justa a sua exclusão e não integração no mapa falado. Também durante a tarde um senhor trouxe um livro local que explicava mais alguns minérios, um outro senhor trouxe uma espécie de álcool para a equipa poder experimentar, feito por ele.

▪ Núcleo da disponibilidade de água (Figura 13)

Depois de acordados os núcleos foi proposta a criação de grupos de trabalho de forma a elaborar um mapa de ação: o que temos de fazer para transformar os desafios em oportunidades. Cada grupo iniciou o seu trabalho numa folha de papel e apresentaram-no enfatizando as ações a desenvolver e os responsáveis.



Figura 11 – Resultados alcançados no núcleo de turismo de base comunitária

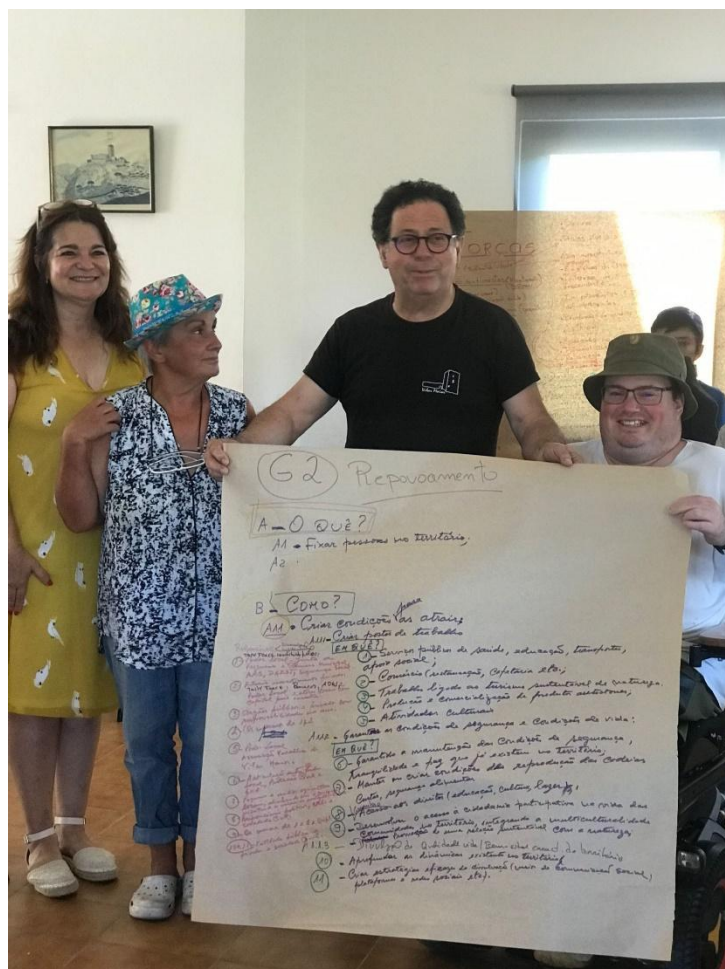


Figura 12 – Resultados alcançados no núcleo de repovoamento



Figura 13 – Resultados alcançados no núcleo de disponibilidade de água

4.2. Dinâmica de Grupo na Universidade Sénior em Sabugal

Na dinâmica de grupo na Universidade Sénior do Sabugal estiveram presentes 9 participantes⁵. Foi-lhes proposto fazerem uma análise do passado, presente e futuro, identificando os pontos fortes e fracos. O grupo reunia pessoas que eram do Sabugal e outras que vieram de fora, nomeadamente de aldeias limítrofes, sendo que algumas estiveram emigradas. Foi visível uma resistência inicial à participação na atividade, mas após algum tempo e dinâmica intragrupal, os participantes começaram a escrever e desenhar aspetos comuns já amplamente difundidos como: despovoamento, falta de trabalho, passado encarado de forma romântica baseado na comunidade e família alargada (Figura 14). Também foram sinalizadas questões como a falta de infraestrutura do Concelho do Sabugal e das aldeias relacionadas com a acessibilidade, pessoas com mobilidade reduzida, como pessoas cegas e também pessoas idosas que por vezes não têm condições de se locomover em locais sem pavimentação, questão ressaltada na dinâmica em grupo relacionada a locomoção de pessoas com mobilidade reduzida.



Figura 14 – Dinâmica de grupo na Universidade Sénior do Sabugal

4.3. Cartografia Social em Malcata

A dinâmica na freguesia da Malcata contou com um início atribulado, uma vez que a sessão da manhã, mesmo com a marcação, o aviso prévio e a distribuição dos convites, não teve participantes. No segundo momento, apareceram 8 pessoas: três irmãs idosas, às quais se juntaram duas jovens, uma funcionária da junta e dois senhores (um reformado e outro dono de um café). As jovens tiveram o protagonismo na atividade de elaboração do mapa falado. Entretanto, o proprietário do café, logo no início, fez

questão de marcar a insegurança hídrica no desenho do mapa falado, dando bastante centralidade à situação vivida no território de aprendizagem. Uma das senhoras desenhou as ervas que identificava na Malcata. Na apresentação, de um modo geral, foram referidos os desafios já discutidos nas dinâmicas anteriores enfrentados pelas zonas interiores, nomeadamente o despovoamento e a incapacidade de fixar jovens e a falta de oportunidade de trabalho. Durante a elaboração do mapa, a temática do Lince foi referida que, apesar de ser o ex-libris da região, não existe, ainda que esteja desenhado por toda a aldeia (Figura 15). Uma das jovens afirma:

Recuso-me a incluir o lince no mapa. Nunca o vi não faz sentido.



Figura 15 – Mapa falado da Malcata.

No dia seguinte juntaram-se dois adultos e três crianças⁶, entre eles o presidente da junta. Nesta sessão foram identificados os seguintes desafios da região (Figura 16):

⁵ Sendo que 2, no momento do agendamento avisaram que teriam que sair mais cedo. Entretanto, realizaram a atividade a partir do seu olhar para as suas aldeias.

⁶ No final da dinâmica chegou mais um participante, acrescentado no mapa a sua casa.

- Insegurança hídrica e conflitos na governança da barragem e dos corpos d'água;
- Conflitos ambientais vários;
- Inexistência do lince, apesar da freguesia ser conhecida pelo mesmo;
- Inexistência de planos de ordenamento da água;
- Inadequação do ordenamento do território às suas características;
- Necessidade de uma governança comunitária participativa para elaborar políticas sociais a partir dos interesses da comunidade;
- Assim como em Vilar Maior, o Turismo foi identificado como ponto forte do território e que pode ser uma ferramenta de desenvolvimento sustentável local possibilitando a fixação de novos moradores no território de aprendizagem.



Figura 16 – Identificação dos desafios da região da Malcata pelos participantes

5. Perspetivas de Continuidade

O trabalho em curso na Serra Gata/Malcata desenvolvido pela LISSA/CFE/UC, e inclui a cooperação entre esta e o OTSS-FIOCRUZ ao nível da Cartografia Social, com os agentes e comunidades locais para a elaboração de um relatório territorializado que informará o diagnóstico socioecológico que se dirige à transição ecológica, em articulação com os projetos em andamento no território transfronteiriço da Serra da Gata/Malcata e com a Linha de Investigação Sociedades e Sustentabilidade Ambiental e CFE UC. Esta cooperação e deslocação de dois investigadores da OTSS a Portugal durante junho a agosto de 2023, abrirá a possibilidade de regressarem no período de devolutiva geral em Vilar Maior, a agendar durante 2014. Além disso, a partir de setembro de 2023 (até julho de 2024) uma investigadora do CFE estará deslocada ao OTSS FIOCRUZ, em articulação com a Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ Brasil (ao abrigo do programa Capes-Print que aprovou o pós-doc desta investigadora, bem como o plano de criação das bases da Universidade Intercultural dos Povos).

5.1. Vilar Maior

Foi encaminhado o Plano de Trabalho, desenvolvido na seção 4, onde a comunidade se comprometeu em encaminhar as ações territorializadas identificadas na SWOT e o processo de georreferenciação em conjunto com o investigador Diogo Martinho. A equipa de investigadores comprometeu-se com a realização de entrevistas, para aprofundar as temáticas identificadas por cada grupo e a elaboração da cartografia social de Vilar Maior incorporando todas as informações que serão validadas pela própria comunidade numa próxima etapa a ser realizada em 2024, onde e com quem se definirão as possibilidades de trabalhos subsequentes ao nível dos planos de incidência em Vilar Maior. A primeira etapa do georreferenciamento já foi realizada (Figura 17) e cujos pontos se encontra na Tabela 3.

Tabela 3 – Pontos identificados no georreferenciamento.

ID Mapa	Nome	ID Mapa	Nome
1	Açude	28	Hortas da Ribeira
2	Antiga Escola	29	Igreja
3	Antigas Eiras	30	Igreja da Misericórdia
4	Antigas minas volfrâmio	31	Junta Freguesia
5	Antigas pisões do linho	32	Lagar na rocha e sepultura
6	Atalaia	33	Linhares
7	Atalaia Santa Marinha	34	Moinho
8	Baloço	35	Moitas - antigo cultivo de centeio
9	Calçada medieval	36	Museu
10	Calçada Romana	37	Nora
11	Campo futebol	38	Pelourinho
12	Capela S. Castelo	39	Piscina pública
13	Capela São Sebastião	40	Poço Boisão
14	Capela Sr. dos Aflitos	41	Pombal
15	Casa dos moiros - vestígios	42	Pontão
16	Castelo	43	Pontão das pisões
17	Cemitério	44	Ponte Romana
18	Centro de dia	45	Ponte sequeiros
19	Chafariz	46	Quinta de São Pedro do Carril
20	Cruzeiro ou Alminha	47	Quinta de Vale de Bolos
21	Deposito da água	48	Ruínas casa branca
22	Fonte nova	49	Sepultura antropomórfica
23	Fonte romana	50	Sobreiro monumental
24	Fonte velha	51	Solar
25	Forca	52	Talaíña
26	Fraga	53	Verdugal (vestígios)
27	Gurgulixa - marco geodésico	54	Vestígios igreja espírito santo

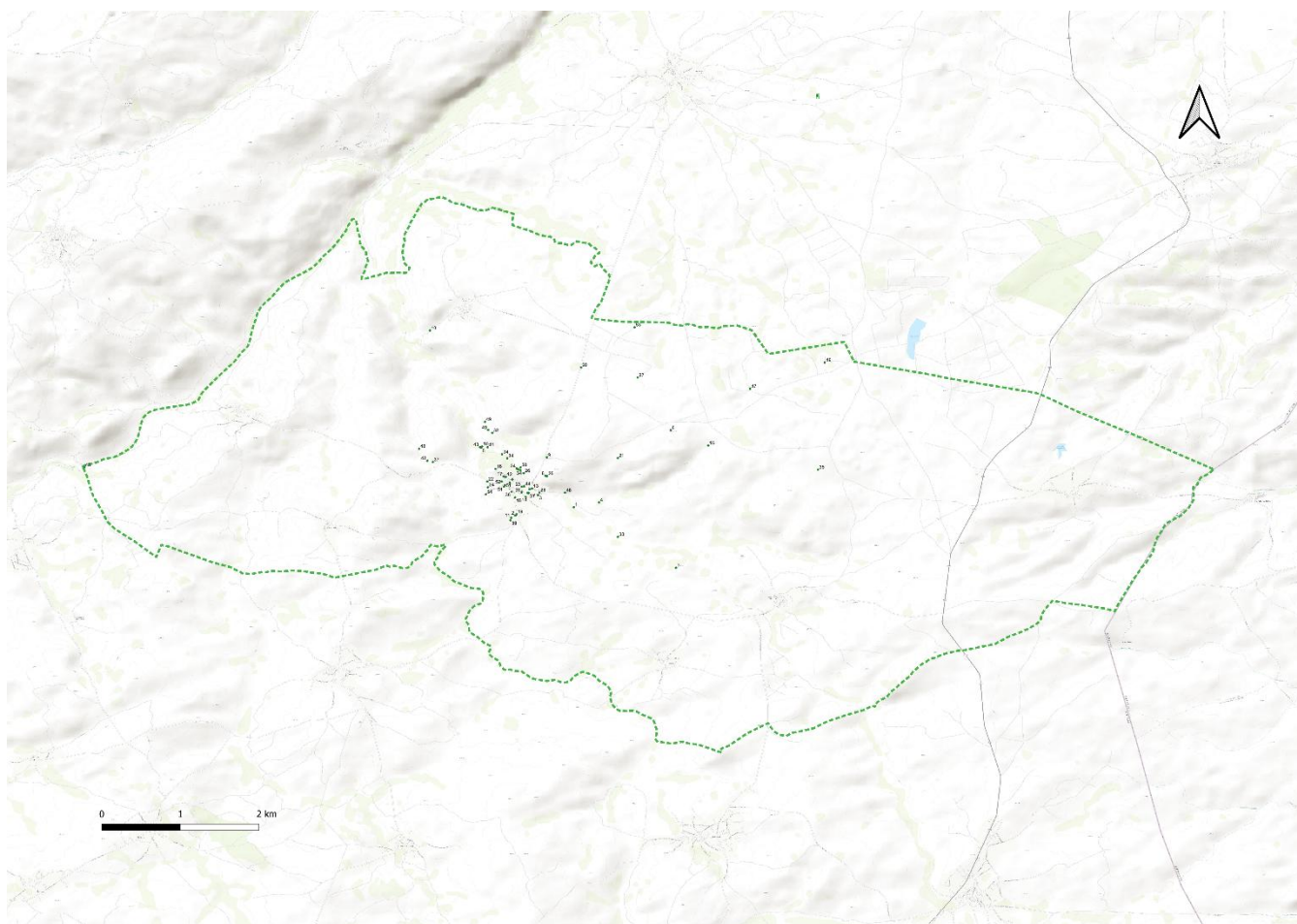


Figura 17 – Georeferenciamento dos lugares identificados durante a atividade do Mapa Falado.

5.2 Concelho do Sabugal - Universidade Sénior

Depois do exercício realizado foi explicada a possibilidade de fazerem o mapa falado, que depois será georeferenciado no mapa geográfico e deve refletir o que se pode desenvolver no futuro, ou seja, as estratégias de ação para responder aos desafios identificados no território. Foi também lançado o desafio de, no início do próximo ano letivo, iniciarem a construção de um mapa falado do Sabugal com o apoio da equipa.

5.3 Malcata

Após a finalização do mapa falado ficou acordada a realização da matriz SWOT e a elaboração coletiva de metas e ações a serem desenvolvidas no início de 2024 com a comunidade para construção da cartografia social da Malcata. Ficou identificada a necessidade de mobilizar a comunidade para realização da próxima etapa, de interesse dos participantes. Por fim, foi identificada que a metodologia

permite a elaboração de políticas sociais que territorializam a agenda 2030 estimulando o tipo de desenvolvimento eleito pela comunidade local.

6. Dinâmica sobre o uso de plantas

No seguimento das perspetivas de continuidade, surgiu o convite da “Associação Muralhas de Vilar Maior”, em agosto de 2023, para a realização de uma atividade dedicada ao uso de plantas, com a participação de 18 pessoas da comunidade (Figura 18)⁷. Esta atividade, que teve como objetivo promover o conhecimento local sobre as plantas e seus usos, foi dinamizada pela própria associação, que na altura estava a organizar diversas atividades em simultâneo. A dinâmica foi estruturada em três momentos principais, todos realizados em grupo, promovendo a participação ativa e o intercâmbio de saberes.



Figura 18 – Registo fotográfico da dinâmica de grupo sobre o uso de plantas em Vilar Maior

1. Reflexão Inicial: Memórias e Palavras Associadas a Plantas

⁷ A atividade contou ainda com o apoio da botânica Isabel Passos, que desempenhou um papel fundamental ao ajudar na identificação de plantas cujos nomes comuns eram desconhecidos ou incertos. A sua presença foi essencial para garantir a precisão das informações partilhadas, complementando o conhecimento tradicional com uma base científica. Este apoio permitiu uma maior clareza sobre as plantas discutidas, especialmente no que diz respeito ao seu potencial uso na saúde e bem-estar da comunidade.

O primeiro momento consistiu numa pergunta coletiva: “Quais as primeiras palavras ou memórias que surgem quando falamos de plantas?”. Esta fase inicial foi importante para ativar o imaginário e a memória coletiva dos participantes. As respostas variaram desde lembranças de infância, associadas à natureza, até associações diretas ao uso prático das plantas na vida quotidiana, como na culinária ou em práticas medicinais (Figura 19). Esta etapa ajudou a contextualizar o valor cultural e emocional das plantas na vida local.

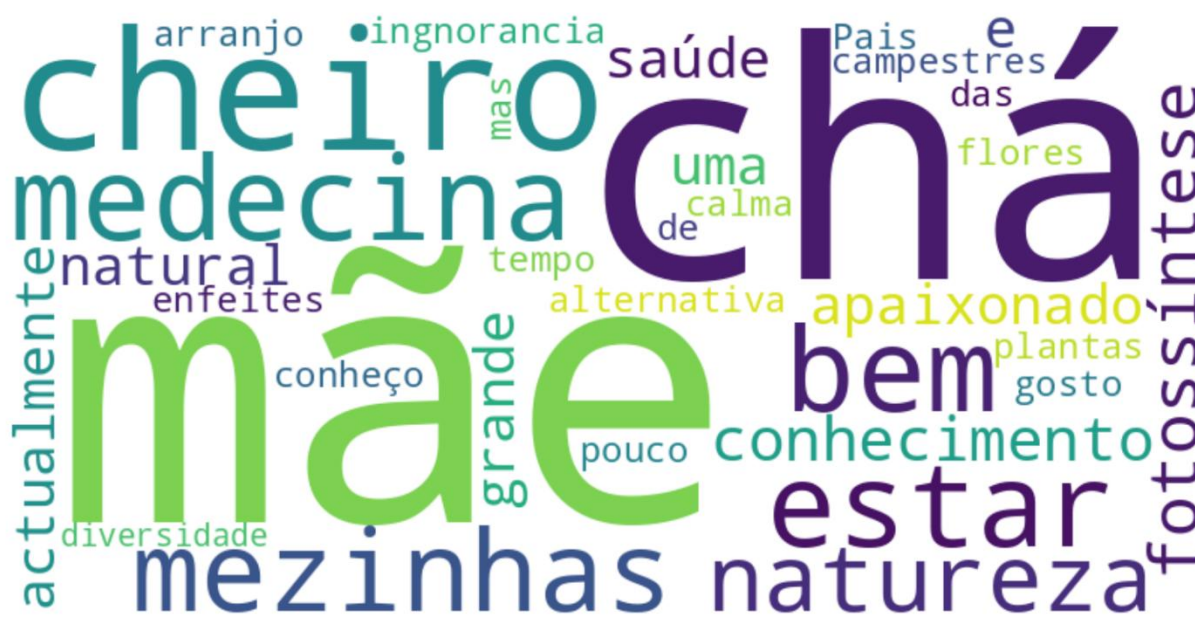


Figura 19 – Nuvem de palavras ou memórias associadas às plantas

2. Listagem de Plantas e Seus Usos

Seguidamente, trabalhou-se de forma colaborativa na listagem de diferentes plantas conhecidas pela comunidade, juntamente com os seus usos. Esta parte da atividade foi crucial para explorar o conhecimento popular. À medida que as plantas eram mencionadas, a informação era registada numa cartolina para melhor visualização coletiva (Figura 20). O foco não estava apenas na identificação das plantas, mas também nos seus diversos usos, como aplicações medicinais, culinárias e até ornamentais. Este exercício revelou a riqueza de saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, e como as plantas continuam a desempenhar um papel vital no quotidiano da comunidade (Tabela 4).

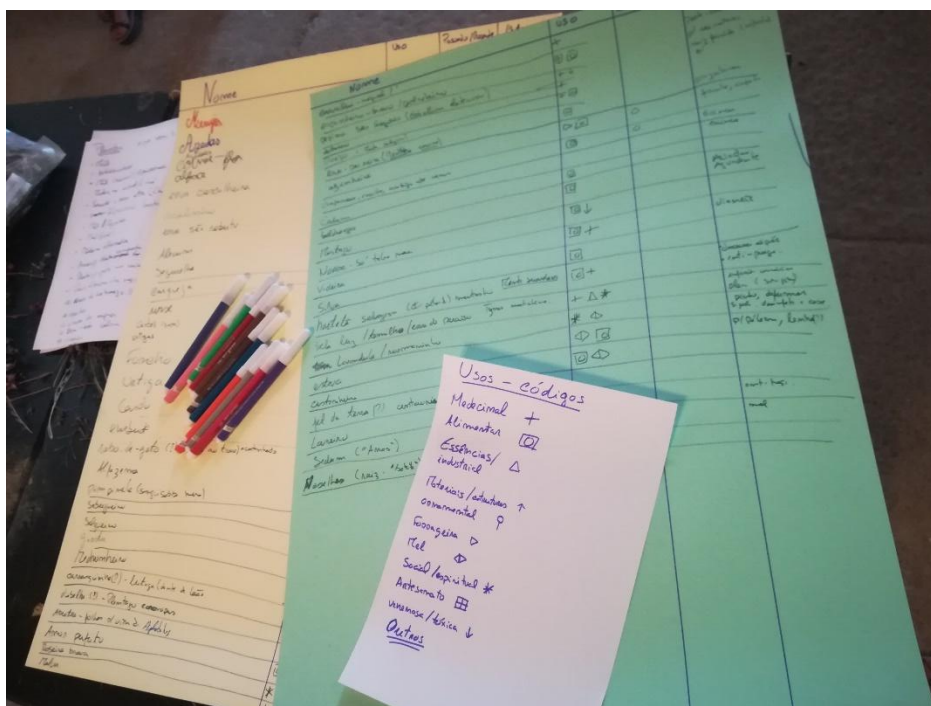


Figura 20 – Registo dos usos das plantas durante a dinâmica em Vilar Maior

3. Feedback Geral e Reflexões

O último momento da atividade foi dedicado ao feedback geral dos participantes. A troca de opiniões permitiu uma reflexão sobre o quanto o conhecimento acerca das plantas ainda está presente no quotidiano de Vilar Maior, mas também apontou para a necessidade de maior valorização e transmissão deste saber, especialmente entre as gerações mais jovens. Foi consensual que atividades deste tipo contribuem para fortalecer o vínculo entre as pessoas e o ambiente natural, promovendo não só a valorização dos recursos locais, mas também a sensibilização para a sua preservação.

Tabela 4 – Identificação das espécies e respetivos usos durante a dinâmica.

Espécies	Usos								
	alimentar	medicinal	social/espiritual	ornamental	material	forrageira	venenosa/toxica	melífera	essências
Meruje	1								
Azedas e azedões	1								
Erva cascalheira		1							
Cavalinha		1							
Erva de são roberto		1							
Alecrim		1	1					1	
Segurelha	1								
Carqueja		1	1					1	
Urze			1					1	
Cardos	1								



Urtigas	1								
Funcho	1								
Embude							1		
Rabo de gato (trevo acastanhado)		1							
Alfazema				1				1	
Pimpinela (<i>Sanguisorba</i> mera)		1							
Sabugueiro	1	1							
Giesta					1				
Medronheiro	1	1							
Carrasquinha/leituga/dente de leão	1					1			
Diabelha (<i>Plantago</i> coroopos)	1					1			
Abrótea						1			
Amor-perfeito	1								
Roseira Brava	1	1	1						
Malva		1							
Carvalho-negral		1			1			1	
Espinheiro-brav / pilrriteiro	1	1							
Pepino de são gregório (<i>ecballium</i> claterium)		1					1		
Verbano		1							
Poejo (<i>menta</i> pelagium)	1	1							
Erva-peixeira (<i>menta</i> cervina)	1								
Azínheira	1					1			
Capaneus, cocilho, umbigo de Vénus	1							1	
Baldroegas	1								
Mostajo	1								
Norsa	1						1		
Videira	1	1							
Silva	1								
Hortelã selvagem (<i>menta</i> suavelons)	1	1							
Bela-luz, tomilho, erva do paraíso (<i>tymus</i> mesticlina)	1	1	1						1
Lavandula/rosmaninho			1					1	
Esteva	1							1	1
Castanheiro	1							1	
Loureiro	1				1				
Sedum (anos)								1	
Noselhos	1								
Quelidonia, betadine do campo		1							

7. Devolução da Cartografia Social – Vilar Maior

No dia 28 de agosto de 2024, na Igreja da Misericórdia de Vilar Maior, Sabugal, realizou-se uma sessão de devolutiva da Cartografia Social da Serra da Malcata, com a participação de 11 pessoas da comunidade local (Figura 21) além da equipa do projeto representada por Fátima Alves, Diogo Guedes Vidal e Anabela Paula. Durante esta sessão, foram discutidos temas centrais relacionados ao desenvolvimento do território, incluindo turismo, povoamento, gestão da água, e a importância da participação comunitária, baseado no desenvolvimento da cartografia e dos núcleos identificados em agosto de 2023: (i) Turismo de base comunitária, (ii) Povoamento e (iii) Água.



Figura 21 – Devolução da Cartografia Social em Vilar Maior

i. Turismo de base comunitária

Foi apontado que, até ao momento, o núcleo de turismo não desenvolveu atividades significativas. Contudo, uma proposta de colaboração entre um arquiteto e um historiador foi apresentada, destacando-se a potencial interligação entre os projetos, o que poderá trazer benefícios para a

comunidade. A divulgação nos meios de comunicação social contribuiu para atrair mais visitantes ao território. A Associação Muralhas, mencionada como um elemento dinamizador local, tem desempenhado um papel vital na criação de uma comunidade mais ativa e vibrante. O sucesso destes projetos depende do envolvimento efetivo dos moradores.

ii. Povoamento

A questão do povoamento foi identificada como um dos grandes desafios de Vilar Maior. Apesar de o turismo criar dinâmicas sociais e culturais importantes, a fixação permanente de novos habitantes ainda é uma meta difícil de alcançar. Durante a discussão, foi realçada a falta de espaços recreativos, particularmente durante os meses de inverno, sugerindo-se a criação de bibliotecas, cinemas e outras atividades para além da temporada turística. A proposta de criar ambientes acolhedores, como espaços de leitura e convivência, foi vista como uma estratégia para atrair e fixar novos residentes. Além disso, melhorias na infraestrutura, como o reforço da rede de Wi-Fi, foram identificadas como cruciais para reter a população.

iii. Água

A gestão da água foi outro ponto crucial abordado, considerada como um problema estrutural para a comunidade. A inauguração da piscina local, num ponto estratégico da vila, foi mencionada como uma iniciativa que contribuiu tanto para o turismo quanto para o povoamento, refletindo a interligação dos diferentes aspetos do desenvolvimento de Vilar Maior. Foram ainda sugeridas propostas para a criação de parques com áreas de descanso e fontes de água, que, além de melhorarem a estética da vila, contribuiriam para o equilíbrio ambiental e o bem-estar da comunidade.

Para além da discussão em torno destes pontos, os participantes na devolução da cartografia social destacaram a necessidade de uma visão holística no planeamento das ações locais, destacando que "tudo é economia" na aldeia. A gestão equilibrada da água, considerando os fatores ecológicos e sociais, foi vista como essencial. Além disso, foi proposta a realização de encontros regulares para debater questões socioecológicas que possam dinamizar a aldeia de forma integrada e sustentável. No entanto, a realização e sustentabilidade destas atividades carece de apoio logístico, nomeadamente a falta de grupos voluntários organizados na comunidade que foi mencionada como uma lacuna a ser preenchida. Sugeriu-se que esses grupos sejam formados com base numa aprendizagem pelo exemplo, com cada pessoa vista como um agente de mudança. A empatia foi identificada como chave para o sucesso da

participação comunitária. Foi ainda discutido o desafio de manter a continuidade das atividades durante o inverno, assim como o medo de exposição e a baixa adesão às atividades coletivas. Para ultrapassar estes obstáculos, sugeriu-se a criação de espaços informais de escuta ativa, que valorizem o conhecimento local e promovam a confiança. A comunidade sublinhou a importância de passar do pensamento à ação, com iniciativas que envolvam as pessoas ao longo de todo o ano.

7. Considerações finais

A avaliação realizada em cada um dos territórios de aprendizagem com as comunidades locais participantes indicam a potencialidade da metodologia da cartografia social para governança comunitária em vários aspetos. Ao nível do envolvimento comunitário e perceções locais a metodologia revelou-se eficaz para envolver as comunidades locais de Vilar Maior, Malcata e estudantes da Universidade Sénior. As sessões permitiram que as/os participantes compartilhassem suas perceções, conhecimentos e preocupações em relação ao território, promovendo uma discussão coletiva sobre o passado, presente e futuro da região. Também ao nível do património natural e cultural ficou evidente que as comunidades o valorizam profundamente, demonstrando amor ao território, à sua natureza e à diversidade cultural, à qual acresce a preocupação com a preservação desses bens naturais traduzível na importância de desenvolver estratégias de preservação e uso sustentável dos territórios de aprendizagem, desenvolvidas em conjunto com as comunidades.

No que se refere aos desafios socioeconómicos e demográficos, as dinâmicas de grupo destacaram desafios como o despovoamento, a falta de oportunidades de trabalho para os jovens e a necessidade de infraestrutura adequada, como hospitais, escolas e transporte. Foi observada a necessidade de escutar a comunidade para implementar o desenvolvimento com envolvimento comunitário pautado em atividades que valorizem a natureza e a cultura local. A par deste último ponto, o turismo emergiu como uma atividade potencial de desenvolvimento sustentável, sobretudo na promoção do turismo de base comunitária que pode não apenas atrair visitantes, mas também gerar oportunidades económicas locais e incentivar a fixação de novos residentes a partir da valorização da cultura e natureza local.

As sessões de cartografia social incentivaram, deste modo, a participação ativa das comunidades na governança territorial. A criação de núcleos de trabalho e a identificação de ações estratégicas demonstraram o compromisso dos participantes em moldar o futuro de suas aldeias de maneira

colaborativa. Daqui emergiram preocupações associadas à insegurança hídrica e aos conflitos relacionados à gestão da água nos microterritórios de Vilar Maior e da Malcata. A abordagem da cartografia social permitiu a identificação dessas questões, apontando para a necessidade de políticas e soluções adequadas. Através desta dinâmica colaborativa, a elaboração dos mapas falados e a análise SWOT, em Vilar Maior, proporcionaram uma base sólida para o planeamento de ações futuras. As estratégias delineadas nos núcleos de trabalho, como o turismo de base comunitária e o repovoamento, podem direcionar o desenvolvimento territorial de maneira sustentável. O interesse do presidente da Junta de Malcata e dos demais participantes indicam a importância em concretizar esse passo no microterritório da Malcata para impulsionar a Agenda 2030 de forma territorializada em todos os microterritórios trabalhados.

O trabalho da equipa de investigadoras e investigadores luso-brasileira e as comunidades locais evidenciou a importância da cooperação internacional na promoção do desenvolvimento sustentável e a interação entre o conhecimento tradicional e científico. A perspectiva de continuidade do projeto, incluindo a implementação da Universidade Intercultural dos Povos, reforça o compromisso em capacitar as comunidades para moldar seu próprio futuro, tendo como instrumento para isso a cartografia social inicialmente de Vilar Maior e da Malcata, a serem validados em 2024 para que sejam ferramentas de planeamento de políticas e desenvolvimento de ações locais.

Tendo em vista a articulação da diversidade de saberes, culturas e das características biofísicas dos territórios, foi promovido um workshop de co-criação das bases da Universidade Intercultural dos Povos, a partir de Vilar Maior, dando sequência ao projeto "Empoderando Comunidades Tradicionais no Enfrentamento das Desigualdades em Saúde e Ambiente: Cooperação para Futuros Socio-Ecológicos Saudáveis e Sustentáveis" financiado pelo Programa Institucional de Internacionalização (Edital nº 41/2017), CAPES-PRINT, nº 88887.832797/2023-00, no âmbito do Pós-Doutorado da investigadora Fátima Alves em Saúde Pública e Meio Ambiente do Programa de Pós-Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Referências

- Alves, F., Vidal, D. G., Valentim, C. S., Guazzini, A., Duradoni, M., Costa, P. M., Novelli, L., & Puttini, S. (2023). *Deliverable 2.3 - Research Report on Society and Nature*.
- Confalonieri, U. E. C., & Barata, M. M. de L. (2011). *Avaliação da vulnerabilidade municipal no estado do Rio de Janeiro às mudanças climáticas. Relatório de Pesquisa*.
- Cortegano, M., Dias, R. C., Vidal, D. G., & Seixas, P. C. (2021). 'Mértola, a lab for the future' as a transformational plan for the mediterranean semi-arid region: A learning case based on landsenses ecology. *International Journal of Sustainable Development and World Ecology*, 28(7), 612–621. <https://doi.org/10.1080/13504509.2021.1920059>
- Cortines, A. C., Bahia, N. C. F., Possidônio, R. D., Cruz, J. O., & Gallo, E. (2019). A Cartografia Social no fortalecimento e na qualificação do FCT. In E. Gallo & V. do Nascimento (Eds.), *O Território Pulsa* (pp. 240–246). Fiocruz.
- de Almeida, M. A. P. (2017). Territorial inequalities: depopulation and local development policies in the Portuguese rural world. *Ager*, 22, 61–87. <https://doi.org/10.4422/ager.2016.08>
- European Commission. (2019). *Communication from the Commission to the European Parliament, the European Council, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions the European Green Deal-Com/2019/640 Final*. European Commission. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/ALL/?uri=CELEX:52019DC0640>
- European Commission. (2023). *Actions for resilient rural areas*. https://rural-vision.europa.eu/action-plan/resilient_en
- Gallo, E. (2021). Territórios Sustentáveis e Saudáveis: desafios teórico-práticos para o bem viver. In G. C. X. M. P. Machado, M. Vitali, A. C. B. Brandão, G. F. Netto, & J. W. R. Villardi (Eds.), *Territórios sustentáveis e saudáveis: experiências de saúde ambiental territorializadas desdobramentos e perspectivas. Vol. 2* (pp. 99–124). Fundação Nacional de Saúde.
- Gallo, E., & Nascimento, V. do. (2019). *O Território Pulsa* (1st ed.). Fiocruz.
- Gallo, E., Ninis, A. B., Carvalho, L., Silva, Martins, V., Freitas, L. de, Reis, F. J. dos, Oliveira, Roale, C., Machado, G. C. X. M., & Nascimento, V. do. (2021). Consolidação da Incubadora de Tecnologias Sociais na Bocaina. In G. C. X. M. P. Machado, M. Vitali, A. C. B. Brandão, G. F. Netto, & J. W. R. Villardi (Eds.), *Territórios sustentáveis e saudáveis: experiências de saúde ambiental territorializadas desdobramentos e perspectivas. Vol. 3* (pp. 123–150). Fundação Nacional de Saúde.



Goulart, F. (2019). *Cartografia Decolonial das Juventudes negras e Periféricas da Baixada Fluminense*. Fórum Grita Baixada Fluminense.

Kovats, R. S., Valentini, R., Bouwer, L. M., Georgopoulou, E., Jacob, D., Martin, E., Rounsevell, M., & Soussana, J.-F. (2014). Europe. In V. R. Barros, C. B. Field, D. J. Dokken, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, T. E. Bilir, M. Chatterjee, K. L. Ebi, Y. O. Estrada, R. C. Genova, B. Girma, E. S. Kissel, A. N. Levy, S. MacCracken, P. R. Mastrandrea, & L. L. White (Eds.), *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part B: Regional Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* (pp. 1267–1326). Cambridge University Press. https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap23_FINAL.pdf

Kusioi, T., Kudelko, J., Borges, A., Delic, A., & Stroila, I. (2022). Are there any differences in rural development challenges within European countries? Social and economic contexts from EU rural leaders. *International Food and Agribusiness Management Review*, 25(5), 737–756. <https://doi.org/10.22434/IFAMR2021.0147>

Magalhães, D. (2018). *Petrobras, uma história de sucesso*. Brasil247. <https://www.brasil247.com/blog/petrobras-uma-historia-de-sucesso>

Micle, I.-C., Tatar, C.-F., Staşac, M. S., Stupariu, M. I., Bucur, L., Grama, V., Nagy, G., & Morar, C. (2022). Perspectives Over the Economic Transition and Demographic Aging in Eastern Europe. *Analele Universităţii Din Oradea, Seria Geografie*, 32(2), 137–147. <https://doi.org/10.30892/auog.31322106-893>

Oliveira, G. M., Vidal, D. G., & Maia, R. L. (2020). Monitoring Portuguese Living Conditions at Local Scale: a Case Study based on Sustainable Development Indicators. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 27(2), 140–152. <https://doi.org/10.1080/13504509.2019.1678204>

Pulido, F., Corbacho, J., Bertomeu, M., Gómez, Á., Guiomar, N., Juárez, E., Lucas, B., Moreno, G., Navalpotro, J., & Palomo, G. (2023). Fire-Smart Territories: a proof of concept based on Mosaico approach. *Landscape Ecology*. <https://doi.org/10.1007/s10980-023-01618-w>

Santos, B. de S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos - CEBRAP*, 79, 71–94. <https://doi.org/10.1590/s0101-33002007000300004>

Vidal, D. G., Pontes, M., Barreira, E., Oliveira, G. M., & Maia, R. L. (2018). Differential Mortality and Inequalities in Health Services Access in Mainland Portugal. *Finisterra - Revista Portuguesa de*

Geografia, 53(109), 53–70. <https://doi.org/10.18055/Finis14118>

Wagner, A., Acevedo, R., Silva, C., & Lima, R. (2015). *Mapeamento social contra o desmatamento e a devastação*. UEA Edições.

Anexos

Anexo 1 - Consentimento Informado para a participação coletiva na Cartografia Social da Serra da Malcata

O projeto de Cartografia Social da Serra da Malcata é coordenado pelo Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra (CFE-UC; Portugal), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz; Brasil) e com o Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina (OTSS; Brasil). É financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia ao abrigo do programa com a referência UIDB/04004/2020, financiado pela FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC).

O objetivo do projeto é mapear do ponto de vista dos atores locais, as características do território para identificar as suas potencialidades e vulnerabilidades, de modo a ter conhecimento do território na perspetiva de quem o habita e nele trabalha que resultará na elaboração de um Plano de Ação tendo por base o mapeamento efetuado. O projeto é coordenado por Fátima Alves (CFE-UC) e Edmundo Gallo (Fiocruz e OTSS) pelo que os pode contactar se desejar esclarecer dúvidas ou partilhar comentários.

A sua colaboração no projeto consiste em participar nas atividades coletivas da cartografia social do território, não estando previstos riscos associados. A sua participação é voluntária e tem o direito de recusar ou de se retirar em qualquer altura.

Os dados recolhidos serão guardados de forma segura nos dispositivos dos investigadores/as, protegidos por palavra-passe, durante o estudo nas instituições envolvidas durante, pelo menos, cinco (5) anos após a sua conclusão. Tem o direito de aceder ao registo da sua participação a qualquer momento, contactando os responsáveis do estudo. Este consentimento informado é necessário para garantir que compreende o objetivo e as condições da sua participação no estudo.

	Sim	Não
1. Declaro que os objetivos do estudo e as condições da minha participação foram claramente explicados e que tive a oportunidade de fazer perguntas sobre os mesmos.		
2. Autorizo a utilização do meu endereço de correio eletrónico e/ou número de telefone para comunicações internas.		
3. Concordo em participar neste estudo, nas condições acima descritas.		

Nome e assinatura do/a participante	Nome e assinatura do/a investigador/a responsável
-------------------------------------	---



Nome:.....

Data:

Contactos:

.....

Assinatura:

Nome:.....

Data:

Contactos:

.....

Assinatura:.....

Anexo 2 - Consentimento Informado para a participação coletiva na Cartografia Social da Serra da Malcata - Autorização de gravação de imagem e som

O projeto de Cartografia Social da Serra da Malcata é coordenado pelo Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra (CFE-UC; Portugal), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz; Brasil) e com o Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina (OTSS; Brasil). É financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia ao abrigo do programa com a referência UIDB/04004/2020, financiado pela FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC).

O objetivo do projeto é mapear do ponto de vista dos atores locais, as características do território para identificar as suas potencialidades e vulnerabilidades, de modo a ter conhecimento do território na perspetiva de quem o habita e nele trabalha que resultará na elaboração de um Plano de Ação tendo por base o mapeamento efetuado. O projeto é coordenado por Fátima Alves (CFE-UC) e Edmundo Gallo (Fiocruz e OTSS) pelo que os pode contactar se desejar esclarecer dúvidas ou partilhar comentários.

Se concordar, a sua participação poderá ser fotografada. Se autorizar, as fotografias ficarão acessíveis exclusivamente à equipa envolvida na atividade. Se concordar, este registo pode também incluir materiais de divulgação da investigação, acessíveis a um público mais vasto. Esta divulgação pode ser feita de forma anónima ou com divulgação da sua identidade, de acordo com o seu desejo.

Os dados recolhidos serão guardados de forma segura nos dispositivos dos investigadores/as, protegidos por palavra-passe, durante o estudo nas instituições envolvidas durante, pelo menos, cinco (5) anos após a sua conclusão. Tem o direito de aceder ao registo da sua participação a qualquer momento, contactando os responsáveis do estudo. Este consentimento informado é necessário para garantir que compreende o objetivo e as condições da sua participação no estudo.

	Sim	Não
1. Declaro que os objetivos do estudo e as condições da minha participação foram claramente explicados e que tive a oportunidade de fazer perguntas sobre os mesmos.		
2. Autorizo que a minha participação seja registada em foto (imagem) e som.		
3. Autorizo que a minha identidade seja revelada.		
5. Concordo em participar neste estudo, nas condições acima descritas.		

Qualquer participante neste estudo pode alterar as condições de concessão da utilização da gravação da imagem, se assim o desejar, devendo solicitá-lo por escrito aos responsáveis pela cartografia.



Nome e assinatura do/a participante

Nome:.....

Data:

Contactos:

.....

Assinatura:

Nome e assinatura do/a investigador/a
responsável

Nome:.....

Data:

Contactos:

.....

Assinatura:.....